PARA TODOS...
ANNO XII = NUM. 585 = 1 MARÇO 1930 =
PREÇO 1$

desapparecem
repentinamente com
dois comprimidos
de

Cafiaspirina

que, além disto, restituem ao organismo o seu estado normal de saude.

A CAFIASPIRINA
é absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro - 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

O casamento de uma irmã de Alexandre 1º.

HAVIA na côrte da Russia em 1807 duas jovens grã-duquezas, cujo futuro inquietava vivamente sua mãe, a imperatriz Maria Feodorouna, e seu augusto irmão, o imperador reinante Alexandre 1º. Uma das princezas, a grã-duqueza Catharina Pavlovna já passava dos vinte annos, e, embora as duas outras irmãs não tivessem vencido no casamento, pois, ambas morreram pouco tempo depois de haver deixado o lar paterno, não me parece, que esta tragica recordação, tenha de algum modo diminuido o desejo da grã-duqueza, de encontrar por sua vez um bom partido. Assim, sua excellente mãe não se cansava de pedir ao seu mais intimo confidente, o embaixador Kourakine, para procurar em todas as côrtes européas um marido para sua querida filha.

E Kourakine, por seu lado, enviava á imperatriz Maria informações sobre informações, mas ai! sem ter jámais a satisfação de encontrar algum partido acceitavel. De Tilesit, por exemplo, em 23 de Junho de 1807, elle escrevia a sua soberana:

"Devo fazer sciente á Vossa Alteza Imperial, que, nesses ultimos dias, em casa do imperador Napoleão, tive occasião de encontrar o principe herdeiro da Baviera, e o principe Henrique da Prussia. Ambos me fizeram amimador acolhimento, porém, são muito gagos.

O principe Henrique é de estatura mais elevada, e de aspecto mais agradavel que o principe herdeiro, e gagueja menos. O principe da Baviera é pequeno, ruivo, gordo e um pouco surdo. E' verdade que por outro lado possue qualidades, dizem-no extremamente bom, simples e de caracter firme, e nesse ponto até os francezes lhe fazem justiça. Entretanto, devo dizer, com toda franqueza á Vossa Alteza que, na minha opinião, nenhum delles é digno de Sua Alteza a grã-duqueza Catharina, e ella não seria feliz nem com um nem com outro".

No anno seguinte, 1808, um novo partido se apresentava, de estirpe muito mais nobre que os dois precedentes.

Apenas installado nas suas funcções de embaixador de Napoleão, junto á côrte da Russia, Caulaincourt achou-se no dever de sondar o terreno, afim de ver se conseguia o casamento da grã-duqueza Catharina com seu soberano, caso elle se decidisse a repudiar sua primeira mulher.

Nesse proposito, o diplomata improvisado, um dia lembra-se de contar diante da imperatriz viuva, um sonho que teria tido durante a noite, e onde teria visto o imperador Napoleão solicitar a mão da joven princeza. Ao que, a viuva de Paulo 1º respondeu de modo simples, porém, firme e peremptorio:

— Oh! senhor embaixador, sabeis muito bem que os sonhos são sempre mentirosos.

A verdade é, que essa princeza teve sempre, e devia conservar até o fim, uma mistura apaixonada de aversão e frieza a respeito de Napoleão, o qual entretanto era elogiado por seu filho e seu marido.

No mesmo artigo da "Rouskaia Itarina", em que o Sr. Témochouck, (segundo os documentos encontrados e publicados pelo grão-duque Nicolas Michailovitch), conta-nos as tentativas feitas em 1808 para encontrar um marido para a grã-duqueza Catharina, igualmente reproduz a correspondencia trocada mais tarde, em 1809, a respeito do casamento eventual de Napoleão com a joven princeza Anna Pavlovna — pois a grã-duqueza Catharina nessa occasião já se achava casada. Através essa correspondencia, aliás muito curiosa, conclue-se que Alexandre 1º teria consentido, sem grande pezar, a uma alliança que traria para elle, entre outras vantagens, a de impedir o consorcio de Napoleão com uma filha do imperador da Austria.

Porém, esse filho modelo temia, sobretudo, a completa desapprovação de sua mãe, e, é unicamente a formal e obstinada recusa da importancia que elle attribue o desastroso casamento de Napoleão, e a catastrophe que foi em seguida a campanha de 1812.

Napoleão, aos olhos da imperatriz, não era só um grosseiro usurpador, para sempre indigno de uma alliança com uma princeza de verdadeiro sangue real, era ainda um sêr diabolico, um monstro avido da carne humana, e que, apenas casado com a princeza Anna Pavlovna, apressar-se-ia em tornal-a tão infeliz como outróra foram as infortunadas companheiras de um Henrique VIII ou de um Ivan, o Terrivel. E sem duvida a mãe teria communicado a suas filhas os sentimentos que nos revelam as suas cartas de 1809: pois, conta-se que desde o anno precedente, a grã-duqueza Catharina, aos boatos do novo casamento de Napoleão, teria exclamado em presença do conde Mouchanof: "Preferia mil vezes casar-me com o ultimo dos fidalgotes russos, a desposar esse Corso que tiveram a audacia de me propôr!"

Porém, é da melhor boa vontade que a grã-duqueza Catharina teria concedido o coração e a mão a um quarto pretendente, que lhe foi apresentado mais ou menos nessa occasião.

O imperador Francisco, pae da futura mulher de Napoleão, acabava de enviuvar pela segunda vez: a imperatriz Maria Feodorovna, ao mesmo tempo que sua filha mais velha, espera encontrar ali o partido ideal, até então, inutilmente procurado.

Immediatamente consultado por sua mãe sobre esse assumpto, o tzar Alexandre, — verdade se diga — promptamente respondeu que uma tal união lhe parece impossivel.

Sua Majestade — escrevia para Pétersbourg o zeloso Kourakine — continúa a pensar que a pessoa do imperador Francisco não convém á grã-

duqueza Catharina. Sua Majestade descreve-o como um tolo, sem vontade, despojado de toda energia moral, enfraquecido de corpo e espirito pelos infortunios, e medroso a tal ponto, que teme montar num cavallo a galope.

O imperador não quer reconhecer que esse casamento nos seria util sobre o ponto de vista politico. Apezar de todos os meus argumentos, affirma que, nem a princeza nem a Russia, lucrariam com essa alliança, e muito ao contrario, as novas relações assim creadas entre a Russia e a Austria, nos interdictariam de demonstrar, como convém, o nosso descontentamento á Austria, cada vez que ella commettesse uma tolice, o que frequentemente lhe acontece.

E igualmente assegura que a grã-duqueza só experimentaria contrariedades e decepções, unindo-se a um homem tão nullo de corpo e alma como o imperador Francisco, que muito depressa convencer-se-ia de que nunca exerceria a mais leve influencia sobre a politica da Austria, attendendo que jámais se havia de resignar a recorrer aos meios empregados pela fallecida imperatriz.

E sob nossos olhos trava-se — nessas cartas publicadas pela revista russa — uma comedia tão "humana" e tão interessante, que lamento não poder reproduzir aqui com todos os seus detalhes.

Quanto mais o imperador Alexandre esforça-se para convencer sua mãe, e sua irmã, da impossibilidade de tão desejado casamento, mais as duas princezas se obstinam no seu sonho, transformando em argumentos decisivos a proveito de sua these, tudo o que Alexandre escrevia para as dissuadir.

Um dia, por exemplo, a imperatriz viuva, apos haver longamente discutido as objecções de seu filho, faz intervir na discussão a principal interessada e jura sobre os deuses que assim respondeu á sua querida Catharina:

"Meu irmão pensa que o imperador é muito velho! Mas, será que um homem é velho aos trinta e oito annos? Acho-o desprovido de belleza, porém, não dou nenhuma importancia á belleza masculina.

Na opinião de Alexandre, elle é pouco asseado, desmazelado; que me deixem agir e saberei tornal-o elegante. Emfim, meu irmão assegura que possue detestavel caracter e pequena intelligencia.

TEODOR DE WYZEWA

Perdão, assim será em 1805, sob o effeito das circumstancias, porém, o futuro modifical-o-á".

Uma outra vez, a imperatriz Maria, na firme resolução de não levar em conta a opposição de seu filho, escreveu a um alto dignatario da Igreja orthodoxa, o metropolitano Ambroise, afim de interrogal-o sobre a legalidade religiosa do casamento de sua filha com um catholico, mas na verdade, era apenas para obter uma approvação que communicaria immediatamente a Alexandre.

A joven grã-duqueza impaciente da lentidão com a qual sua mãe procurava realizar o seu sonho, toma por ella mesma o encargo de notificar a seu irmão a resolução que tomou de desposar o imperador Francisco.

Por intermedio de Kourakine, enviara ao soberano o seu retrato em pastel, precioso trabalho do celebre artista Tischbein, e affirma a seu irmão, que o povo austriaco acceita com prazer o seu casamento com o imperador Francisco.

"Dizes que elle tem quarenta annos: A grande desgraça! Dizes que será um marido mediocre, estou de accôrdo. E' verdade que sou intelligente e gosto da alegria, porém, a vida que levo aqui desde o mez de Abril, prova que posso perfeitamente dispensar os divertimentos. Sei tambem que não encontrarei nem Adonis, nem um Phenix, e simplesmente um homem honesto e leal, e que mais é preciso para a felicidade conjugal? Não occulto que desejo esse casamento, porque estou certa de ser feliz".

Assim, a correspondencia anima-se, e pouco falta ás duas princezas para censurarem asperamente a Alexandre de se oppôr exclusivamente por teimosia, a um projecto que certamente faria a felicidade de sua irmã.

As respostas do tzar mantem até o fim uma paciencia imperturbavel, sem jámais se afastar da absoluta opposição que fazia ao projectado enlace.

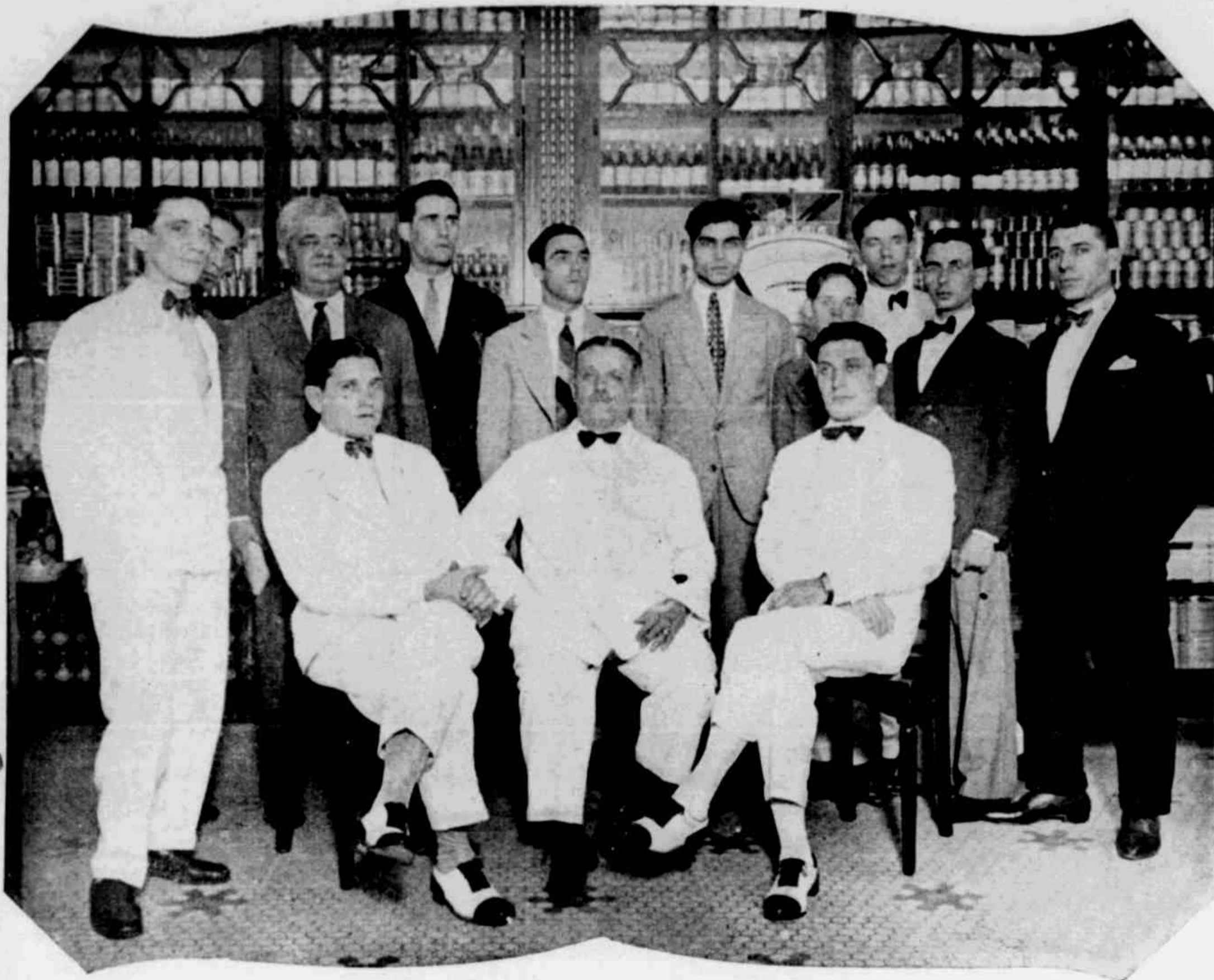
Emfim, o fiel Kourakine, que até então havia calorosamente advogado a causa das duas princezas, por sua vez, reconhece que o imperador não seria um partido para Catharina.

"Approximando-me do imperador, escreve elle, observando-o bem e, minuciosamente registrando as suas qualidades, seus habitos e maneiras de viver com a fallecida imperatriz, tomo a liberdade de francamente dizer á Vossa Alteza que de modo algum o imperador seria o esposo desejado para a grã-duqueza Catharina".

Estava acabado. Forçoso era a princeza Catharina abandonar seu sonho, que desde alguns mezes parecia havel-a hypnotizado.

Finalmente, decidiu-se o seu noivado com o principe Georges d'Oldenbourg, não sem ter primeiro longamente hesitado, entre um outro que se apresentava, o joven principe Leopoldo de Cobourg, esse maravilhoso seductor dos jovens corações das princezas, que parece, assim foi o futuro Leopoldo 1º da Belgica.

Em 18 de Abril de 1809, a união dos jovens noivos foi solemnemente celebrada.

Para o bairro maravilha uma casa de luxo

Os socios da firma Guimarães Faria & C. cercados de seus auxiliares.

Copacabana, o bairro luxuoso, o bairro maravilha, está desde sabbado dotado de um importante estabelecimento modelar no genero igual aos mais completos da Europa. E' a Confeitaria e Sorveteria Copacabana ,installada no magnifico predio da rua Copacabana n. 572, e dotada dos mais modernos apparelhamentos para attender ao publico. O facto deixaria de merecer as honras de um registo especial, se não tivessemos de considerar, antes de tudo, o caracter altamente progressista, a forte visão, a organização calmamente commercial dos proprietarios do luxuoso estabelecimento inaugurado — os senhores Olindino Guimarães, Antonio Ferreira Faria e Carlos Ramôa — unidos sob a firma de Guimarães, Faria & Cia.

Taes predicados são patentes nos socios desta firma que, dotando o bairro de Copacabana de um estabelecimento como ha poucos na capital, evidenciaram, ainda, os valores positivos, reaes de sua actividade, modernamente dynamica. Ao acto inaugural da Confeitaria e Sorveteria Copacabana compareceram elementos de destaque no nosso mundo social, como provam as pho-

A inauguração da Confeitaria e Sorveteria Copacabana

Pessoas presentes á inauguração da Confeitaria e Sorveteria Copacabana.

tographias juntas, havendo ao champagne, servido em uma luxuosa mesa de doces, recebido os propr:etarios do magnifico estabelecimento multos cumprimentos. Copacabana, bairro dos menos prox'mo do centro urbano, com sua população selecta e densa, o bairro que recebeu o baptismo de Terra dos Palacios, de ha muito reclamava um centro de reun:ão selecta, um estabelecimento commercial compativel com a dist'ncção de seus moradores. Esse centro é bem o que a intelligente actividade de Ol'ndino Guimarães, Antonio Ferreira Faria e Carlos Ramôa — exemplos d'gnos de trabalhadores modernos — id:alizou e realizou. E realizou com exito indiscut'vel e inexcedivel bom gosto. Vae dizel-o, ou melhor, já o disse, a dist'ncta frequencia dos moradores de Copacabana que, desde sabbado, se vê na Confeitaria e Sorveteria recem-inaugurada.

Durante o lunch que foi servido após a inauguração da Confeitaria e Sorveteria Copacabana.

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

PERNAMBUCANA (Recife - Cabo ?) — Já tive occasião de ver, não me recordo onde, — talvez mesmo ahi no Recife — um seu autographo e, mentalmente, como, aliás, o faço já por habito, o estudei vendo cultura, intelligencia, uma certa independencia, autoritarismo, um pouco de vaidade, bastante orgulho do seu nome de familia, amor proprio muito susceptivel, embora não guardando odio ou rancor de quem quer seja, perdoando, mesmo, com um grande gesto de generosidade pequeninas offensas ou desconsiderações. Espirito artistico, fantasista, imaginação fertil e creadora, decidido pendor para as letras. Bondade natural, reserva, energia, força de vontade, caprichosa, ás vezes. Actividade mental e franqueza. O graphologo a que se refere é um mestre no assumpto e deante de quem me curvo amesquinhado. Sentir-me-ia feliz se o ligeiro estudo que fiz agora coincidisse, em algum ponto ao menos, com o que lhe fez elle já no "Diario da Manhã". Póde mandar noticias da Mauricéa maravilhosa que, mesmo de longe, me não sae do coração.

SALE' (Rio) — Letra movimentada de creatura impaciente, altiva, instruida, loquaz, inconstante. Ha uma certa aggressividade nos traços angulosos da sua graphia. Vejo teimosia, capricho, estouvamento, pressa, achando, entretanto, que está "muito bem feito" o que fez e não se arrependendo jámais dos seus actos. E', porém, delicada, fina, sentimental, amiga do luxo e das grandes viagens, assim como vaidosa dos seus brazões de familia.

BETO (Campinas) — Sua escripta ligada denota poder de logica e assimilação, deducção facil, actividade psychica, sequencia nas idéas e um pouco de precipitação tambem. E' alegre, palrador, embora no momento de escrever tivesse sob o guante de uma depressão nervosa que o fazia apprehensivo e preoccupado. Firme, tem personalidade bastante definida.

JOÃO (Copacabana) — Si não obteve resposta, é porque não foi recebida a carta a que se refere. Ha bastante sensualismo no seu intimo, refreado pelas convenções sociaes. Espirito um tanto fanfarrão, amigo das situações complicadas e embaraçosas, o que revela no emmaranhado dos traços com que pretende firmar ou sublinhar sua assignatura. E' ainda desconfiado, inconstante e com alguma vaidade e presumpção.

LYS (Nictheroy) — A angulosidade da sua graphia revela caracter aggressivo, havendo mais bizarria, capricho, preoccupação de excentricidade, um desequilibrio mental qualquer. Alguns traços sinistrogyros indicam egoismo, dureza de coração, o que tambem se nota nos traços verticaes de certas letras, embora outras tenham inclinação para a esquerda, o que é signal de dissimulação, desconfiança, etc.

HY (Bello Horizonte) — No "Para todos..." n. 583 de 15 de Fevereiro, encontrará a resposta á cartinha a que se refere.

BANDEIRANTE (Rio) — Sua letra não revela nada de bom... Parece ter procurado dissimular sua letra. Noto sentimentos pouco elevados, nenhuma cultura, desordem, negligencia, modos desabridos, espirito de vingança, egoismo franco, sensualismo sem controle. O horoscopo dos nascidos a 25 de Fevereiro aqui vae, muito embora nada tenha de commum com a graphologia: "São ociosos, negligentes, desordenados, embora com bastante capacidade para o trabalho. São terriveis como inimigos pelo seu espirito rancoroso e vingativo. Gostam de falar bem de si mesmos, alardeando suas conquistas e victorias, porém, calando os seus fracassos e derrotas. Pouco amigos da sociabilidade, são ambiciosos de fortuna e glorias".

MME. DE SEVIGNE' (São Paulo) — Nunca a gente se conhece bastante para se julgar a si propria. Qualquer de nós julga que é melhor (a maioria) ou peor (a minoria) do que realmente é. Sua letra indica imaginação viva, alegria, agitação, mobilidade, algum capricho, energia, teimosia, força de vontade. Ha mais amor ao bem-estar, ás commodidades, ao luxo, mesmo. Uma certa coquetteria muito natural, aliás, em quem gosta de ser admirada e... cortejada. Reservada ás vezes e ás vezes tambem egoista, o que é synonimo de ciumenta... Que tal ? Não será isso mesmo ? Com certeza irá dizer que não. A gente se julga sempre uma creatura tão differente...

EUCLYNO (Ubá) — Sua assignatura é inteiramente diversa da letra com que escreveu a carta. Sabe que quer dizer isto ? Que pensa uma cousa e diz outra, que é um dissimulado... (ia escrever hypocrita), agindo contra seu modo de pensar e vice-versa. Já na letra da carta se vê dissimulação, contensão de espirito, inconstancia, leviandade... para não dizer outras cousas... mais fortes.

ZARA TAMAR (Rio) — Letra redondinha de pessoa bondosa, indulgente, cheia de doçura e talvez de preguiça, tambem. Nervosa, distrahida, credula, suggestionavel e, embora moça, com perturbações cardio-vasculares. Não se impressione com isto e consulte um medico especialista, pois outro qualquer poderá dizer que é nervoso, histerismo e lhe receitar... agua de melissa ou de flores de laranjeira. Teve algum cardiaco na familia ? Escreva-me.

J. C. (Rio) — Sua escripta rapida denota logo cultura, enthusiasmo, actividade, precipitação. Ha tendencias manifestas para o magisterio, para a cathedra professoral... Amigo do detalhe, da minucia, nem por isso é um espirito inferior, talvez seja apenas myope. Tem sentimento artistico e gosto pela literatura. Sua actividade não lhe permitte deixar para mais tarde o que póde fazer já. Tem decisão prompta e rapida, espirito critico e observador com grande dóse de justiça e imparcialidade. Um bello caracter, emfim, "seu" J. C., embora não seja Jesus Christo.

CIGLIA SYLLIS (Rio) — Vê-se logo que é economica, ordeira, trabalhadora, meticulosa em tudo, tendo menos defeitos do que bôas qualidades. Si é defeito ser um pouquinho teimosa (como aliás, quasi todas as mulheres) você o tem. Gósta de ficar sempre com a ultima palavra nas discussões e embora veja que não tem razão, "não dá o bracinho a torcer." não é assim ? Confessar que errou, isso é que não. Pode "não ter acertado," mas errar, nunca !

LEONOM (Rio) — E' bondoso, simples, de alma generosa e indulgente. Deixa-se levar pelo prazer dos sentidos, esquecendo o espirito. No momento de escrever estava preoccupado, talvez triste, nervoso. E' pessimista e ciumento, embora não seja fiel ás suas amizades...

MARI — NINHA (Rio) — Adoptou pseudonymo feminino, mas é um joven um pouco desordenado, negligente, de ideas confusas, impulsivo com um pronunciado desequilibrio mental, embora não apparente ainda com franqueza sua psycopathia. Nota-se ainda affectação, calculo, reserva, desconfiança, simulando, entretanto ter bôa fé e credulidade. Você, Mari-Ninha, é caso pathologico digno de estudo. Por que não consulta o Dr. Hernani de Irajá? Talvez isso lhe aproveitasse ainda...

GRAPHOLOGO

CARTA ABERTA

Lucio.

Ainda a tempo cheguei á conclusão que o meu proposito de te converter é, ou muito egoismo da minha parte, ou muita loucura.

Egoismo, porque eu não tenho o direito de impedir que te divirtas; loucura, porque seria uma empresa difficilima, na qual constantemente estariam em jogo a minha fraqueza e a tua incorregibilidade.

Assim, pois, não me querendo outorgar um direito que não tenho, e temendo que os nossos encontros se propaguem em demasia, peço-te que, não me guardes rancor, consideres tudo acabado. Ou si quizeres, apenas um parenthesis entre o rapaz de hoje, e "the man of my dreams" dum futuro problematico.

Evito explicações.

Tu me promettestes que te emendarias. Vou deixar-te com a tua consciencia.

Faze o que ella te ditar.

E' o melhor e o mais severo dos juizes. Si de coração julgas possivel a tua conversão, converte-te, que eu embora afastada, te esperarei. Caso contrario, que arranjes uma 3ª Coleen Moore da "fuzarca" são os meus votos de Coleen Conformada.

Não é caso para cantares:

"Entre nós mais nada existe
Nem o amor, nem a saudade!..."

Pois se nada mais existisse, eu não me despediria de ti, com este leal e forte "shake hands" de amiga.

COLEEN MOORE N. 2

CARNAVAL CHEGANDO

Instantaneos do Baile Tropical que se realizou em Petropolis na residencia do casal Renato Lopes e que foi a primeira grande festa do Carnaval na mais elegante das estações de verão no Brasil.

Está na hora

TODOS os annos, graças a Deus, o Carnaval começa dois mezes antes.

As batalhas que se realizam nos suburbios, nos bairros, nas ruas centraes e até na Avenida, fazem mais do que o evangelho dos tres dias propriamente ditos: São já o Carnaval com a mesma alegria delirante, e serpentinas, confetis, lança-perfumes.

Dessas batalhas algumas ganharam celebridade: a da rua D. Zulmira por exemplo.

Os negociantes góstam.

As creanças acham muita graça.

Todo mundo fica feliz sem pensar.

O carnaval é a festa dos direitos do homem.

Do homem e da mulher.

Tristezas não pagam dividas.

E neste tempo ninguem pretende pagar dividas. Neste tempo a gente augmenta as contas que tem e cria contas novas.

Primeiro: a batalha a pé ou de automovel, (houve até uma dentro de um bonde de São Januario), depois: a batalha com os credores, em seguida á quarta-feira de cinzas.

A brincadeira em 1930 arranjou uma collaboração um pouco exquisita: a policia, encarregada de manter a ordem, encarregou-se de promover desordens.

Como o Prefeito mandou publicar na Europa e na America grande propaganda do Carnaval Carioca, isso não é bom.

Os turistas estão chegando para gosar, não viéram para morrer gosando . . .

Para que tanto tiro? Revólveres, para que?

Harmonia!

Nós somos do amor.

SAMUEL TRISTÃO

Uma historia que começou no carnaval...

ABBADO. Amanhã é domingo de carnaval. O papae tirou as chaves do molho. A do portão. A da porta da rua.

A mamãe recommendou meia hora. Meu filho! Olha a farra! (Ahi poz a mão á bocca. Lembrou-se que "farra" não se diz na Avenida Hygienopolis...)

O papae deu conselhos ao ouvido. Depois tirou a carteira e deu 100$000.

— Se passar das 2 da manhã, Carlito...

Carlito sahiu. Engatou a primeira da De Soto. E foi parar na esquina da rua Sergipe.

Tocou o klaxon. De um geito differente.

15 minutos depois tinha a mãozinha de sêda da Luizinha dentro das delle.

Luizinha... Dessas pequenas. Olhinhos redondinhos. Pézinho 32 Corpo de estatua. Sorriso com gosto de lyrio. Depois, amorosa, meiga...

— Carlito, você promette, então?

Carlito prometteu.

— Mas Carlito...

Carlito ficou engasgado de felicidade.

— Carnaval... Se nós ao menos já fossemos noivinhos...

— Falta pouco, Luizinha!

E disse. Jurou! Que teria um bruto juizo...

As mãozinhas della ficaram quentinhas dentro das delle.

Ahi se despediram.

— Carlito. Vá! Mamãe já desconfiou. Quando a Rosinha vem vindo...

A mãozinha quiz fugir. Mas os labios de Carlito foram mais espertos...

E emquanto a De Soto passava para a 3ª. Rosinha dizia a Luizinha:

— Você não devia ter deixado! Aposto que elle vae contar ao Oswaldo que te beijou na bocca! Esses homens são piratas...

Luizinha com a mão esquerda, amorosa, apertava o beijo na felizarda mão direita...

Gremio Recreativo e Dramatico Corações Entrelaçados.

Rua do Bosque. Barra Funda.

Grande animação. Cada par engraçado!!!...

Carlito e Oswaldo entraram conversando. Os smockings chamaram a attenção.

— E ahi, Oswaldo, apertei-a nos meus braços e beijei-a nos labios com veneração e loucura!

Oswaldo deu-lhe um tapa nas costas.

— Isso!

Vicente deu uma cotovelada no Carmo. Carmo olhou. Cochicharam.

— Não, Vicente. Não são, não!

Vicente deu risada. Carmo tambem.

Carlito olhava curioso. Apalpava a chave no bolso, com medo de perder.

Oswaldo, com olhos de quem já velho é nessas lutas...

Não se dansava. Apertava-se e girava-se em torno de um só ponto...

Os dois "smockings" não dansaram.

Houve valsa especial para senhoritas. Ninguem tirou os *smockings*...

Qual! Abriram a bocca.

— Vamos, Carlito?

O Vicente parou perto delles. Um sujeito o estava chamando para apartar um "gallo" entre o thezoureiro e o secretario...

Julièta ficou perto do Carlito. Esperando o Vicente. Depois olhou o "smocking". Carlito olhou o vestido collado no corpo.

"Ramona"... Valsa...

Uniram os corpos. Começaram a dansar. Julieta com a cabeça escondida debaixo do queixo de Carlito, espiava o smocking ...

Lembrou-se que já vira aquella fantasia em alguma fita de Cinema...

Augmentaram os pares.

Apertaram-se os que já estavam.

A mão de Julieta era macia. Estava imprensada entre os dedos do Carlito. Julieta reparou no brilho das unhas delle.

Não! Devia ser um galã de fita de amor! E semi-cerrou os olhos...

Vicente voltou. Tresandando a chopps.

— Com quem que você acabou a Ramona?

— Eu sentei, Vicente!

Outro chamou o Vicente. Qual! Elle nunca mais havia de ser presidente!

Carlito voltou. Cheirando a hortelã pimenta...

O seu braço forte apertou a macieza das suas costas núas. Uniram as cabeças. E começaram a conversar...

Carlito enfiou a chave no buraco da fechdura precisamente ás 4 e 1/2 da manhã. Entrou pé ante pé.

Sentou na beirada da cama. Lembrou que Julieta era intelligente. Não falava cantado e nem mal. Que tinha alguma leitura. Mesmo além de Ardel. Apreciava um soneto recitado ao ouvido. Bem pertinho do coração. Bem dentro da alma...

* * *

Na terça-feira de Carnaval, durante uma valsa, â luz encrencou.

E a boquinha de Julieta, gostozinha, foi cahir dentro dos labios gulosos do Carlito...

A's 5 da madrugada, Carlito prometteu procural-a diariamente. "Chapeaux Adéle". Rua Barão de Itapetininga.

* * *

Não procurou.

Veio a semana santa. Veio São Pedro. Dia 25 de Dezembro. Natal. Tambem veio.

Nesse dia, Carlito ás 4 da tarde recebeu um cheque de 4:000$000 de seu papae.

Entrou radiante para à seda-Ford. Cahiu um pingo grosso. Mamãe mandou a capa.

E o automovel sahiu furando os pingos de chuva que desabavam...

Comprou mais do que um annel de noivado. Eram 6 horas. O seu papae de Luizinha já estavam de accordo. Mas elle só iria levar o presente ás 9 da noite. Luizinha... Luizinha...

Cantava o nome da noiva. Recitava. Soletrava.

Na esquina da Praça da Republica. Estava parada uma pequena. Sem guarda-chuva e molhada dos pés á cabeça.

Carlito olhou o relogio do Ford. 6 e 15. Para ás 9...

Encostou o carro.

— Meu bem... Quer entrar?

Ella virou as costas.

— Você está tão molhadinha... Não seja má...

Ella olhou.

— Julieta!

— Carlito!

Entrou.

* * *

A's 9 horas Carlito entregou o presente á Luizinha. E pediu á mamãe da sua noivinha licença para beijar-lhe a mão...

Começou a dansa. Vestidos rasgados atraz. Casacas. "Smockings". Joias. Luxo.

Augmentaram os pares.

Apertaram-se os que já estavam...

E os olhos dos rapazes não paravam, não paravam...

A um canto da sala com sentinella ao lado.

— Carlito... Meu noivinho!... Chegou o dia... Finalmente! Que felicidade. Se você soubesse...

Houve uma vez que dansaram. Elle lhe tocou com os labios os cabellos. Ella abaixou os olhos. Se não fosse o rouge. Teria corado, até...

— Luizinha... Quando eu danso com você, sabe a impressão que tenho?

Ella olhou com encantamento.

— Tenho a impressão de ter de encontro ao peito. Bem perto do coração. A flôr mais delicada e perfumada de um jardim sagrado!

As mãos se apertaram mais ainda.

E elle lhe jurou, dansando, que a sua maior felicidade era ser seu "noivinho"...

* * *

Vicente Gigli. Apesar de ter nome de tenor. Apesar de ser meia-direita do 2º. team do Corithians. Apesar de ser quasi gerente da fabrica de alpargatas Ferradura. Levou o fóra da Julietinha.

Ella estava mais magra. E todas as tardes, com pretexto de dentista, ia procurar Carlito. Numa casa assobradada. De porta sempre semiaber-

(*Termina no fim do numero*)

OCTAVIO MENDES
escreveu
DI CAVALCANTI
desenhou

Psychologia das fantasias

EM todas as epocas temos apurado o prazer sagrado das fantasias. Sahir do seu miseravel envolucro, surgir bruscamente á luz dos candelabros no esplendor de um symbolo ou de uma evocação faustuosa, fazer nascer da humilde chrysallida de todos os dias a brilhante phalena, ou mesmo a pesada esphinge Atropos!... Alegria divina e humana!...

Mas é preciso confessar que a loucura pelas fantasias nunca reinou, tão tyrannicamente, como nos nossos dias. A vida actual é difficil e amortecida, desejamos abandonal-a, renuncial-a, nem que seja, apenas, pelo instante de um relampago de magnesio.

Fantasiemo-nos. E' a nossa vontade secreta. Mas é preciso saber a forma velada de manifestar o espirito ou a philosophia profunda.

Existe uma psychologia das fantasias, da qual, algumas regras, poderiam ser estabelecidas rigorosamente, como uma demonstração mathematica.

São duas as classes de fantasias: a allegorica e a *historica*. O essencial é adaptar a nossa pequena personalidade moral e physica ao espirito do costume escolhido, a sua classe e a sua synthese.

Uma pessoa de aspecto embonecado e com o sorriso de um bébé de celluloide, é inutil fantasiar-se de Torquemada ou de choléra-morbus.

Procuremos conhecer o nosso Eu intimo e a natureza das nossas aspirações secretas. Antes escolhemos um dominó que nos transforme sem, comtudo, transportar a nossa personalidade moral e physica para mundos hostis ou inadequados.

Segunda regra: é preciso seguir o propresso, mesmo no que diz respeito ao luxo. Vivemos no seculo da luz. Nunca os artificios de illuminação foram tão vastos!

As grandes attracções nas festas mundanas são os jogos de luzes resplandecentes, os subitos incendios, os abrasamentos fantasticos...

As perucas phosphorecentes decoram as noites dos dansings. Num baile, ha pouco em Chantilly, chuvas de fogo de Bengala illuminaram repentinamente o palacio mergulhado nas trevas, sem que essa visão de Sodoma e Gomorrha apavorasse as nossas pequenas virtudes, ou os nossos humildes vicios...

PIERRE DE TRÉVIÈRES

A luz, o esplendor incandescente, o fogo, representam a mais segura attracção dos bailes á fantasia.

E' pois, preciso um aroupa que scintille á luz das lampadas. Muitas vezes o maior successo é devido simplesmente a tal reflexo inesperado, tal reverberação original...

Outra adaptação obrigatoria: lembremonos que vivemos na éra do blue e do schimmy. As espadas dos marquezes, as durindanas dos cavalleiros da edade media, que acompanhavam com tamanho pittoresco as pavanas e as *chaconnes*, perturbam as evoluções epilepticas do blue e do schimmy.

Menos espadas... O sabre do Arlequim, do Arlequim symbolico que o theatro ressuscitou, é apenas supportado.

Em resumo, os tempos modernos exigem, ou preferem, uma fantasia allegorica, tinta de fogo, avermelhada de chammas e guarnecida com uma arma seductora: a adaga ou o punhal.

Ha uma interessantissima e que corresponde maravilhosamente a esse programma, a do Compadre Satanaz, o Diabo.

E si, por accaso, alguem nos agarrar a cauda, teremos a vantagem e o prazer de evocar com brilho, numa exhibição magnificente, dentro de uma fantasia encantadora, o espirito preciso da nossa tumultuosa civilização, a psychologia secreta das horas que vivemos...

O baile do Tijuca Tennis Club

Instantaneos apanhados no intervallo das dansas, sabbado, nos salões do Hotel Gloria.

Living-room da casa de Anna Amelia

Que pensa dos vestidos compridos ?

Dias quentes, dias amenos, dias supportaveis. Assim, pouco a pouco a cidade vae retomando aspecto elegante. A rua nos dias de calor é desagradavel, e não é "chic". Mas vir á rua quando já se sente clemencia de temperatura, mesmo que não seja ainda na estação official, já é outra cousa. Ahi está porque já se veem silhuetas bonitas, gente bem vestida, mesmo **desta** que se despe num "maillot" para o banho de mar. Isso não impede que haja por ahi tambem muita falta de gosto. Felizmente o contraste apparece ás vezes, quando não apparece frequentemente. Na rua Ouvidor, na Gonçalves Dias, na Avenida, em frente aos cinemas do quarteirão Serrador passam mulheres bonitas e menos bonitas, elegantes e querendo parecer elegantes, ou suppondo que o são. A moda é sempre geral, dita o mesmo programma a todas. Mas não são

A poetisa na sua bibliotheca

todas que bem a comprehendem, que bem a adaptam... Por exemplo: aquella moça morena, de musselina rosa secca, saia em forma até os pés, chapéo rosa, sombrinha rosa... Rosea apparição em plena Ouvidor, ás 4 da tarde... Será que aquillo seja mesmo "toilette" de rua? Mas... Eis a compensação: um grupo elegantissimo, vestes apropriadas...

— Como vae ?

Destaca-se Anna Amelia. E o cumprimento é da laureada poetisa. Seria um termino ás minhas cogitações ? Ao vézo de criticar as outras mesmo em soliloquio ? Era, evidentemente, um bello encontro. E a veia de reporter segredou-me a opportunidade excellente.

— Sempre bemdigo os fados quando as cousas caminham a meu gosto.

— Uma charada? — perguntou-me Anna Amelia.

— Não, um bom ensejo.

Um aceno pra cá, um sorriso pra lá... E juntas fomos a dar algumas passadas, cumprimentando conhecimentos que se multiplicavam a cada instante. Assim, tornei a encontrar a minha musa de côr de rosa, que, antes não me agradára e agora bem diz'a. Afinal de contas a menina dava sorte. Apontei-a á Anna Amelia:

— Gosta do comprimento daquelle vestido?

— Aquelle vestido é muito interessante á noite, num baile, ou mesmo numa recepção. Para a rua...

— Sei, não tem cab'mento. Como aprecia os vestidos, segundo o comprimento? E' adepta da nova moda?

— Sim. Os vestidos encurtaram demais, encurtaram a um ponto detestavel. Joelhos de fóra é cousa positivamente anti-esthetica. E eu acho que a arte deve predominar sempre, quer nos objectos, quer nas creaturas.

— Mas deseja que voltemos ás caudas, nas ruas?

— Isso não. Mesmo porque os vestidos de rua, segundo o mais acatado dos magazines de modas, devem ser menos curtos dez centimetros que os curtos dos ultimos tempos. Mesmo assim ha exaggero. Não chegámos aos dez centimetros. Ficámos nos sete, ou nos cinco. O que se quer é o joelho coberto, perfeitamente escondido. Basta que se exhibam nas praias, no traje de banho.. Na Europa, por pessoa vinda agora mesmo de lá, soube eu que, na rua, os vestidos ainda se conservam curtos, istio é, menos que

Recanto da sala de visitas da casa de Anna Amelia

os do anno passado, porém, menos compridos que os que estamos encontrando.

— A' noite...

— As roupas femininas para os bailes são lindissimas, sumptuosas, enfeitam muito. E as raras pessoas que insistem em não usal-as tornam-se objecto de destaque immediato. Vamo-nos habituando a cobrir as pernas como as trouxemos muito de fóra. A' noite, parece que houve proposito em accrescentar á orla da sala o panno que falta na blusa.

Sorrimos ambas. Eu á piada de Anna Amelia; ella, porque eu lhe sorria ao "mote".

— Ha, por conseguinte, o necessario equilibrio. E' o tempo de expôr costas, cóllo, braços, e esconder o resto... Em summa, gosta dos vestidos compridos. De dia, sem exaggero, proprios a "trotter"; de noite...

— Já viu quem desobedecesse á Moda?

Despedi-me. Anna Amelia estava na lista das que deveriam vir para esta pagina. Mas o destino quiz que eu a ouvisse, ali mesmo, em pleno coração da cidade, e não na sua propria casa, que é um ninho de arte,

Na varanda

porque Anna Amelia ama extremadamente os moveis antigos e os que ella possue são notaveis.

ALBA DE MELLO.

Na sala de trabalho

Chegou a hora

OUTRA vez Momo é hospede de honra da cidade. Um anno de ausencia! Um anno de saudade, de espera, de ansiedade...

Eil-o, entretanto, de novo entre nós. E agora é aproveitar a hora...

Não esqueçamos a mentira que nos prega sempre o calendario, dizendo que o anno é de 365 dias. Porque, na verdade, não tem elle mais que 361 dias e alguns momentos em que a gente começa por arrazar por completo as finanças, para terminar cabeceando na embriaguez do prazer, do ether, do proprio somno...

Entremos estes quatro dias, que são apenas quatro minutos, com o proposito de vivermol-os intensamente. Mascaremo-nos, se quizermos. Mas não com a mascara da simulação, dos preconceitos, da hypocrisia que trazemos afivelada ao rosto durante o anno inteiro.

Perduram na memoria de todos nós a alegria reinante no Carnaval passado. O corso animadissimo na Avenida Rio Branco, em renhidissimas batalhas de confetti, serpentinas e lança-perfumes... As tonteiras da polvora, nessas batalhas de donaire e cavalheirismo — batalhas incruentas — substituidas pela embriaguez lasciva do ether. E as graciosas e elegantes fantasias, as "toilettes" ricas, os "travesti" gentis nos "bal-masqués"... Apenas os prestitos das grandes sociedades foram forçados a adiar o seu grandioso desfile de terça-feira para o sabbado de Alleluia. Uma chuvinha damnada, impertinente, ininterrupta — a decretar "mi-carême" com prestitos de carros allegoricos...

Façamos votos para que agora não aconteça o mesmo. Para que a chuva não nos venha outra vez recordar os tempos felizmente mortos do entrudo, quando das sacadas da rua do Ouvidor davam-nos banhos, aos foliões, com potes e bacias dagua...

Aqui estão cinco instantaneos do Carnaval de 1929. Elles nos permittirão um confronto com o Carnaval de 1930. Confronto dos carros allegoricos, dos automoveis que tomaram parte nos corsos.

Recordar é viver outra vez. Revivamos, portanto, o reinado da alegria e da loucura. Chegou a hora!

O. J.

Corso na Avenida

Carro dos Tenentes do Diabo

Carro dos Fenianos

Club dos Democraticos

Pierrots da Caver

Para a Menina que Deixou de ser Miss...

Minha Santa Therezinha vestida de Colombina:

Você não estranha essa definição que eu lhe dou, assim tão esquisita, num cocktail esquisito de castidade e peccado?

Mas você é isto mesmo: Santa Therezinha vestida de Colombina.

Santa Therezinha por dentro, Colombina por fóra.

Alma de menina pura, ingenua, que conheceu um dia a celebridade. E gostou de ser celebre, e quiz ambientar-se na celebridade.

Celebridade: que coisa difficil!

Ser celebre: o mesmo que sahir de casa e deixar a vida por conta do destino.

Destino: você sabe o que é o destino? E' a vida. Não é bem a vida: é o trapezio da vida.

Si a gente é mulher, não póde mais depender de um homem só, do mesmo homem sempre.

Si a gente é homem, não póde depender de uma mulher, sempre da mesma mulher.

Porque o destino comprou todos os direitos de exclusividade sobre a gente...

A gente deixa de viver para dentro, dentro de casa.

Tem que viver para fóra, fóra de casa.

Você conhece a historia do palhaço que devia suicidar-se depois do espectaculo?

E' isto, mais ou menos...

Você, que foi "miss" o anno passado, este anno não vae ser.

— Não é uma perversidade que estão fazendo commigo? — você pergunta na sua carta.

Respondo que é uma grande perversidade.

Você é tão bonita e ha tanta vida para ser vivida em você!

— Para onde eu devo ir? Para o casamento? Para o theatro?

O destino, com certeza, saberá responder melhor.

O destino é curioso, é inexplicavel.

A's vezes elle costuma raptar os que se escondem delle, por medo ou por acanhamento.

Eu não me aventuro a dizer nada.

Santa Therezinha está no seu coração e ha de querer levar você para o casamento.

Casamento: um marido que ficará o dia todo no escriptorio e que voltará de tarde, nem sempre com dôr de cabeça. E os filhos. Uma porção. Sete, por exemplo, formando uma escada, para você contar: um, dois, tres, quatro...

Mas Colombina está nos seus olhos e no calor moreno do seu corpo todo moreno...

Colombina: hoje uma coisa, amanhã outra. Um amor que continuará vivendo numa saudade. Outros amores. Um tango, á meia luz, uma duvida, um homem que demora... Uma "Hispano-Suiza", uns dedos allucinantes, um homem que é um escravo, muito ridiculo, com medo dos outros homens. E um outro homem que entrará em horas incertas. Aquelle homem que demora... Depois... Depois poderá vir uma outra "Hispano-Suiza", ou um quarto vazio de hotel, um tiro no coração... Não sei... Tanta coisa...

BRASIL GERSON

ALMAS GEMEAS

POR ALBERTO POSEN
TRADUCÇÃO DE ANELEH
DESENHO DE J. CARLOS

QUANTO sonhára Raul naquelle modesto quartinho de quinto andar! Quantas illusões de gloria lhe suggeriam os seus esboços e manchas em diversas télas começadas e não concluidas!

Entretanto, Raul não era um homem inactivo; tinha verdadeira febre de producção, e procurava, ansioso, tons e coloridos no céo azul, divizado nos dias da sól, pela janella do seu quartinho.

O que faltava á sua prodiga imaginação de artista. E ao seu espirito, avido de luz inspiradora? Em que estrada luminosa devia atirar-se para seguir o caminho da gloria? Um dia, sem que o suspeitasse, teve a revelação das suas extranhas inquietudes, no seu coração amadureceu o secreto sonho, e abriu-se completamente á esperança que lhe apparecia.

Lita, a bellissima artista, a maga incomparavel, que suggestionava multidões, foi a obsessão do seu cerebro de artista e a formosa illusão do seu coração de homem.

E procurou-a, como o sedento que vae até o manancial incerto que acalmará sua sêde, e

desejou-a como um complemento de sua concepção de artista, para a grande obra.

Essa era a modelo sonhada, a mulher que saberia fazer brotar todo o caudal da sua inspiração. E, como um obsecado, lançou-se á difficil conquista.

Lita ia quasi todos os dias ao atelier de Raul. O quadro estava quasi terminado. Uns toques mais, e a "gloria do artista" estaria assegurada, segundo costumava repetir jovialmente a actriz. No entretanto, á medida que o tempo avançava, Raul tornava-se taciturno e silencioso. Uma melancolia extranha parecia pezar sobre o seu espirito. A causa era simples. Junto com o trabalho do quadro, finalizava o contracto de Lita, no theatro de Variétés. E essa data temivel constituia um verdadeiro tormento para o apaixonado coração do artista. Ella lhe disséra, assim como por descuido, em certa occasião... que a gente de theatro pertencia ao publico. E quem amava a arte, tal qual ella, então muito mais... "— Sou uma andorinha que vae e volta e torna a fugir" — disséra-lhe um dia.

E emquanto Raul dava alguns retoques no quadro, rectificando uma linha na pintura, pensava nessa andorinha que pousára sobre o seu coração, e, depois de feril-o, levantava o vôo, impiedosamente. Para onde? Quem sabe...

Talvez para pousar noutro coração e depois deixal-o para não voltar, nunca mais.

E contemplando sua obra, murmurava com desconsolo: 'Para que quero o triumpho e a gloria si isso não fará jamais a ventura de minha vida?"

Quantas tardes como essa, Raul mergulhava o olhar no horizonte infinito, divisado atravez da larga janella do seu quartinho de quinto andar, aberta para o céo...

No seu pequeno, mas elegante camarim de theatro, Lita se preparava para o espectaculo que estava prestes a começar. E, emquanto trocava o vestido de rua por uma tunica, ajustando-a ás curvas morbidas do seu corpo, teve, pela primeira vez em sua vida de artista, um pensamento de rebeldia, deante da escravidão de sua arte.

Lita tinha vinte annos e seu coração ainda não palpitára senão ao rythmo de suas dansas.

Mas as pancadas que indicavam o inicio do espectaculo viéram arrancal-a á sua obstracção.

— Sempre a crueldade da profissão! — pensou, emquanto se collocava junto do segundo bastidor.

E, nessa tarde, ao voltar a seu camarim, depois do ultimo "bis", sentia-se mais cansada que do costume, como si o seu estado moral influisse poderosamente na sua resistencia physica.

Voltava a pôr novamente o mesmo vestido que instantes antes tirára do corpo, emquanto que a sua imaginação voava para um quarto estreito, mas cheio de luz, de um quinto andar, onde, numa desordem encantadora jaziam paletas, pincéis, télas e tubos de tinta.

Ainda era cêdo. O sol prodigalizava sua luz e Lita, antes de voltar á casa, queria passar pelo atelier do artista. Sabia que nessa tarde elle não trabalharia; mas uma força irresistivel a arrastava até aquella torre de marfim, onde, junto a um cavallete, uma cabeça morena e energica, erguia-se, illuminada com a chamma da inspiração, e uma pallida mão fina tocava a téla, habil e levemente.

Lita subiu sem cansaço os degráos que conduziam até o quarto, e bateu ligeiramente á porta do atelier. Mas a porta que estava apenas encostada, cedeu á pequena pressão, e Lita entrou, sigilosamente. De pé junto á janella, Raul contemplava mais uma vez esse infinito horizonte, onde todas as tardes via o pôr-do-sol. Ao ruido dos passos, voltou-se subitamente e uma alegria ineffavel pareceu illuminar-lhe o rosto.

— Não a esperava — disse, estendendo-lhe ambas as mãos.

— Já vê que não venho sómente quando as minhas obrigações de modelo m'o impõem.

— Obrigações... — exclamou Raul, melancolicamente. — Sua esmola, Lita, sua bondade.

— Você já terminou o quadro. — perguntou ella. — já?

— Faltam-me alguns retoques sómente.

— Esta noite termino minha temporada no theatro.

— Já? — fez Raul com infinita tristeza. — E você irá embora?

— Já lhe disse, meu, querido amigo, que nós, artistas, somos como as andorinhas. O nosso ninho nunca é estavel. Por isso, vim lhe dizer adeus.

— E amanhã, Lita?

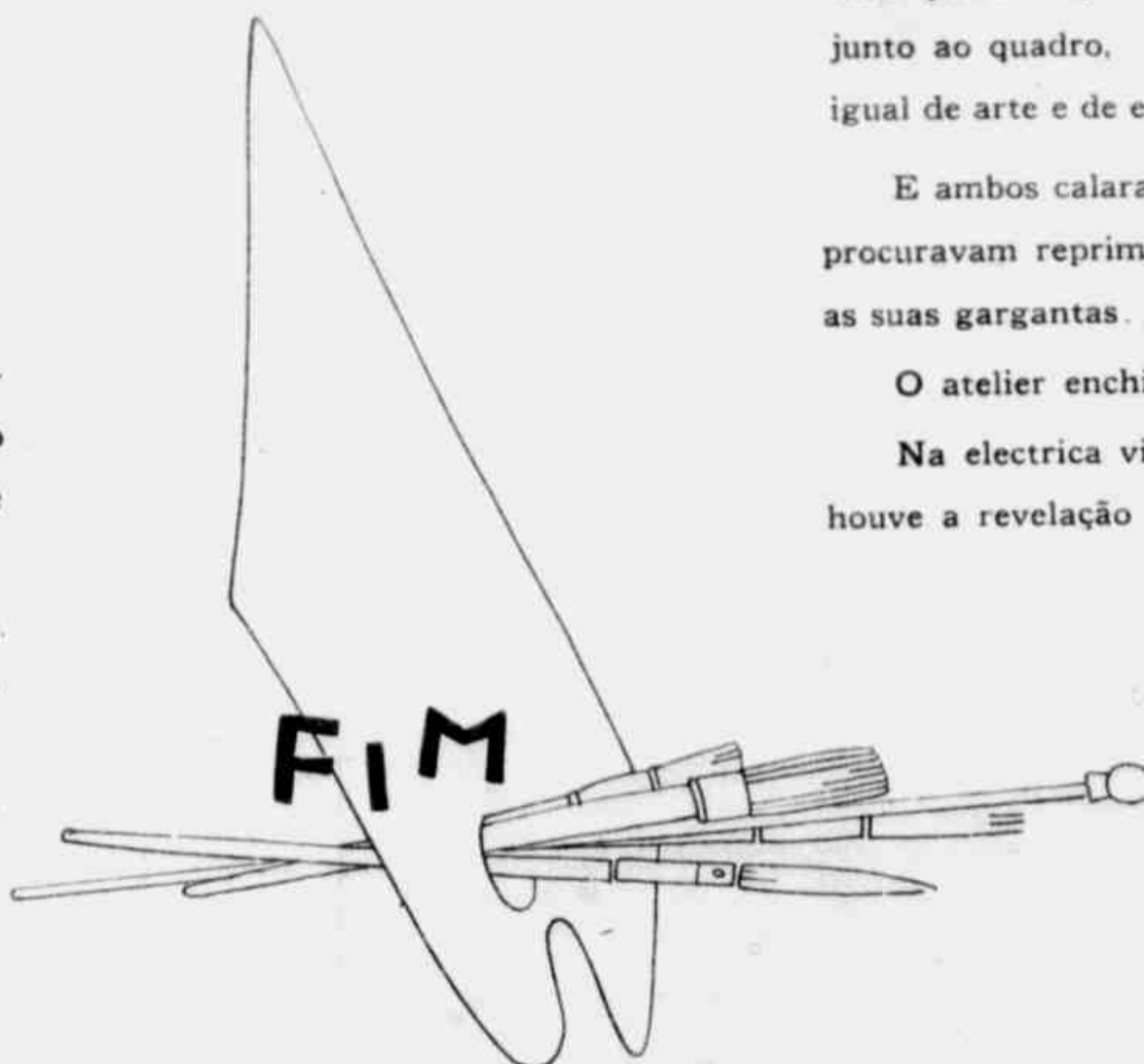
— Não, Raul, amanhã não quero vel-o. Amanhã darei minha mão para que a beijem cerimoniosamente os meus admiradores. De você quero despedir-me aqui no seu atelier, junto ao quadro, onde vivemos uma hora igual de arte e de emoção.

E ambos calaram. Com as mãos juntas, procuravam reprimir o soluço que apertava as suas gargantas...

O atelier enchia-se de sombras.

Na electrica vibração de seus olhares houve a revelação de um mutuo segredo, de um anhelo supremo.

E os labios de Lita murmuraram suavemente:

Tornarei...

Uma hora na "Convenção"

PALAVRAS DE ANDRÉ RIGAUD — DESENHO DE PIERRE LISSAC

— Restam ainda muitas cabeças sobre os hombros!

Deixa cahir, com voz glacial Saint Just, approximando-se da tribuna.

A multidão louca calou-se e retrocedeu lentamente.

— ...Podeis jogar nossos membros aos quatro ventos, delles nascerão as Republicas.

Um assobio, partindo do alto dos bancos do amphitheatro, fez trovejarem as acclamações. Um sopro tornou arrogantes as bandeiras que pendiam das tribunas. Novos assobios. Silencio. No semicirculo, Saint Just abraça Robespierre. Assobios. Acclamações. Dentro da refrega, percebe-se o presidente de pé que clama, dedo estendido:

— Official da guarda, approximae-vos desse homem!

Assobios, silencio. Saint Just e Robespierre ficam entre os soldados armados. Uma voz monstruosa desce do ceu:

— Apoiae sobre a direita!...

Attenção a esquerda, menos depressa!. . Siga!

Saint Just, ainda chefe do populaço, afasta os soldados com um gesto e passa levando Robespierre á sahida. E' visto o invalido Couthon movimentando febrilmente a manivella de sua cadeira de rodas. Os assobios recrudescem. Gritos.

— Morte á Robespierre!

E' a revanche. Do amphitheatro, aos trambolhões, descem os convencionaes, bocca em rictus de odio, punhos ao alto. Debruçados em redor das tribunas, os peixeiros e tricoteiros estendem contra o tyranno os braços e as mãos crispadas. As faces convulsas serenam-se. Saint Just, que havia escalado o amphitheatro, approxima-se do alto falante e autoriza os convencionaes, democratas e mulheres da feira, a tomarem o chá.

Nos studios Billancourt, Abel Gauce "filma" Napoleão. Dentro dessa enorme galeria rude já ha alguns dias as machinas de fabricas em derrame, innundam a trincheira, enlameando-a, e onde o logar-tenente Bonaparte dirigiu o cerro de Toulon, a sala da assembléa da Convenção, surgiu igual ás que temos visto nas estampas de outróra.

Estamos em 8 thermidos. Robespierre agonizará amanhã no Hôtel de Ville.

Alguns estalajadeiros conhecidos assistem á queda dos Montagnards. Os grandes nomes da França são representados pelos que perderam seus ascendentes no Terror. E' a revanche. Koubitzky Danton, provisoriamente guilhotinado, experimenta satisfação posthuma á vista do seu rival cahido.

Quanto a Albert-Napoléon Dieudonné-Bonaparte, deixa seu uniforme, veste um casaco e descansa por ter tomado Toulon tantas vezes. Num instante a gente do povo revolucionario desapparece. M. Tourjansky entretem-se com Abel Gauce e resolve com elle o destino da "Revolução".

Todos os projectores apagam-se num minuto, o studio banha-se numa luz triste. Os vigamentos metalicos embaraçam-se como uma floresta. Os fios electricos entrelaçam-se nas traves. Arrastam-se pelo chão interminaveis serpentes alimentadas pelos ampères. Do arqueamento pendem os alpercates dos machinistas. Lentamente os convencionaes entram na Assembléa. Os operadores regulam seu ti-

(*Termina no fim do numero*)

Na piscina do Fluminense Foot ball Club

Eta! Carnaval gostoso!

Photographias apanhadas durante o baile á fantasia de domingo, que reuniu na piscina da rua Alvaro Chaves gente grande e gente pequena, toda a gente fórte e bonita.

Sete dias antes do dia

SABBADO DA OUTRA SEMANA

Club de Regatas Botafogo

UM BAILE QUE FOI DESLUMBRANTE

Praia Club

As festas do Praia Club, todo mundo já sabe, são sempre notaveis. O palacete deante do mar, perto do Posto 4, entre as ruas Bolivar e Xavier da Silveira, enche-se nas noites de

baile de todas as creaturas elegantes de Copacabana. Foi assim domingo passado. E aqui estão nesta pagina algumas das fantasias que brilharam lá. até madrugada de segunda-feira, dia da Constituição que está errada porque não considera o Carnaval um dos "principios basicos da nacionalidade".

Domingo

Véspera

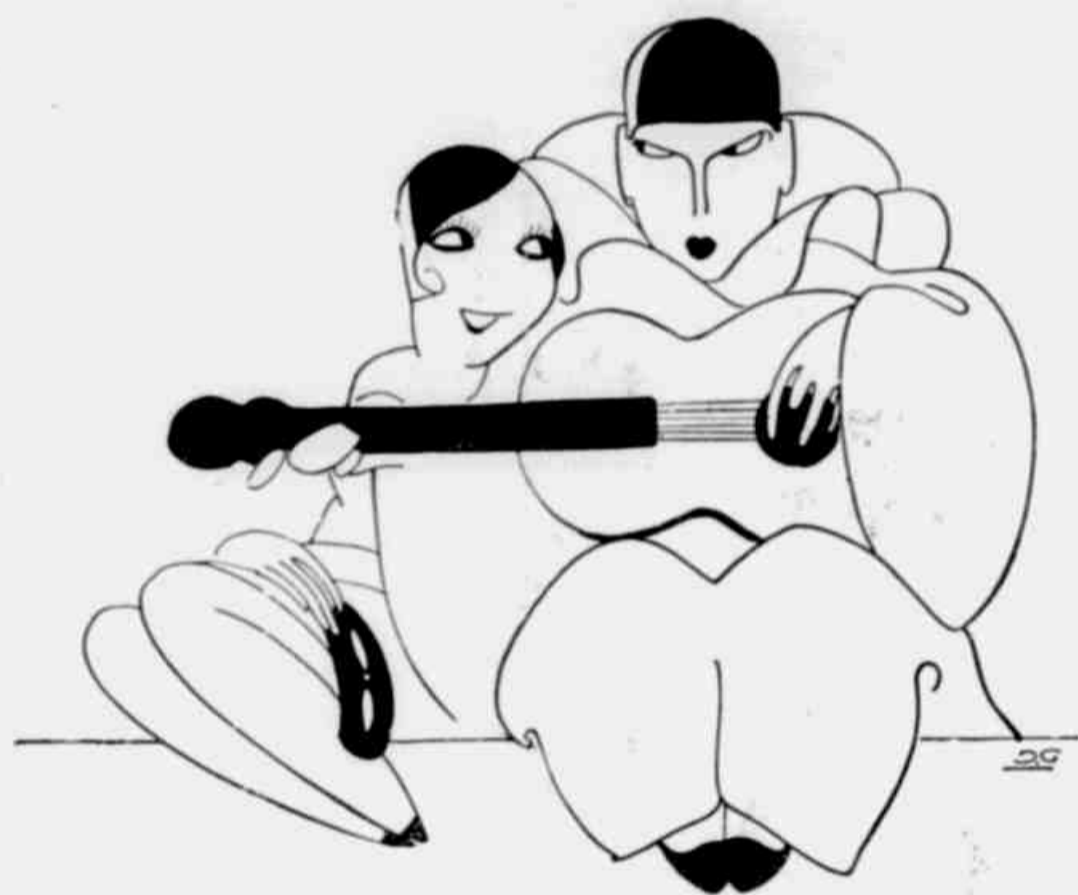
BANHO A' FANTASIA No Posto 6 EM COPACABANA

ASPECTOS DA MANHÃ DE 23 NO POSTO 6

E DOIS ASPECTOS DO BAILE DO BOQUEIRÃO

CARNAVAL **ESTÁ AHI**

Baile do City Bank Club

Club de Regatas Botafogo

Baile do Gremio Regional Carioca

Club de Regatas Botafogo

Loucura mansa

por Mario Nunes

Uma vez — e nunca mais me esqueci — o Dr. Gomes Cardim, a respeito do reparo que eu fazia a acto menos sensato de artista até então tido como pessoa de juizo, obtemperou que não havia o que estranhar: bastava ser actor, bastava ser de theatro para não ter equilibrio...

Esse desequilibrio é, senão a unica, a melhor qualidade da gente de theatro. Os seus outros defeitos é que são insupportaveis. O desequilibrio é uma maneira differente de ver e sentir as cousas, de vencer repugnancias e preconceitos, de se dedicar, de corpo e alma, a um ideal, de ser escravo, a vida, de um sonho, tanto mais querido quanto menos alcançado. Sem essa força, que se origina de uma falha, ha muito a malsinada profissão estaria abandonada, mórmente em paiz como o nosso, em que, povo e governo olham essa actividade com suprema indifferença e quasi com desprezo.

Apaixonado pelo theatro não sou, todavia, de theatro. Tenho, por isso periodos de enthusiasmo e momentos de desanimo. Penso, commigo mesmo, muitas vezes, que melhor seria, para cada um de nós individualmente, e para a collectividade, que aproveitassemos toda a energia que vimos despendendo em pról do theatro, em um outro assumpto qualquer, em campanha, fosse qual fosse, que interessasse ao commercio, á industria ou á agricultura. E firmo esse proposito, tomo, commigo, esse compromisso e consigo, realmente, cuidar de outras idéas, abandonando o theatro á sua ingrata sorte.

Já assim não são os de theatro. Chegue este, como agora, ao ponto extremo de uma crise profunda, que é de emprezarios, de artistas, de autores, de publico e não se dão por vencidos, insistem nos seus pontos de vista, debatem antigas questões como se a situação fosse normal e a questão estivesse em bom pé. Dão-nos, nesses momentos, a illusão de loucos perfeitos, de gente que vive inteiramente fóra do seu tempo e do seu meio, em um mundo que é della sómente.

Mesquitinha no "Palhaço"

"DA' NELLA"

no Recreio.

Ando eu em um desses periodos de desgosto e de afastamento do theatro. Entra governo, sáe governo nada se faz, e é inutil contar com os elementos de vida propria, instituições, ou pessoas, que o theatro possue. E vou pela rua, muito tranquillamente a pensar talvez, nessa pachuchada de Bernardes liberal e revolucionario, quando me toma a frente, de braços abertos, o Prof. Eduardo Vieira. E antes que eu possa dizer fosse o que fosse, catadupou:

— Mas o que fazem vocês? Está a se concluir o João Caetano e correm insistentes boatos de que será inaugurado por uma companhia de revistas! não póde ser, isso é um attentado innominavel aos nossos fócos artisticos! E' preciso protestar vehemente desde já, por todos os meios, ir ao Prefeito, bramar, clamar, impedir que essa enormidade se consumma!

E não parou mais de falar, arrastou-me para um café, indignado com a minha displicencia e meu scepticismo, para me injectar energia, para que eu formasse a seu lado, alliciassemos outros elementos e aparassemos o tremendo golpe...

Eduardo Vieira é professor de arte de representar da Escola Dramatica Municipal que funccionava em velho sobrado annexo ao João Caetano demolido. Desde então ficou a Escola sem tecto onde se agasalhasse. Traça-se o projecto do novo João Caetano. A Escola foi esquecida, contiúa sem ter onde se installar e assim continuará por tempo indeterminado. Theatro não é genero de primeira necessidade. O Professor Eduardo Vieira tem, ahi, um indice da maneira por que os poderes publicos, no Brasil, encaram o assumpto-theatro. E quer que se proteste contra uma utilisação aviltante da nova casa de espectaculos, julgando — santa ingenuidade! — que seremos ouvidos... E', ou não, desequilibrio?

E' e do bom...

Confirma a regra e não faz mal a ninguem.

"Colombina é da fuzarca" por Zaira Cavalcanti e "girls"

Antes da hóra

O Grajahú Tennis Club realizou nos seus salões um grande baile de bôas vindas ao Carnaval, e aqui estão, para lembrança da noite estupendissima, tres instantaneos de fantasias.

Grajahú Tennis Club

A Intrusa

Lola Kneip
ESCREVEU
ALVARUS
DESENHOU

A creança olhou com olhos enormes, cheios de odio e ameaças, a intrusa que vinha installar-se na sua casa, donde, ha tão pouco ainda, sahira o corpo enregelado e branco da mãe, que fôra tão linda, um sorriso de ternura nos labios, para os paizes ignotos do Além... E a intrusa era formosa! Os seus olhos enormes, ceruleos, lembrando os olhos dos anjos, que ornam os frescos das capellas, eram prenhes de ternura e amôr! Pallida, da pallidez mimosa e triste das florentinas, cabellos, que lembravam um manto de ouro, corpo de Tanagra, ella parecia feita para dominar e ser amada... E como a amimava o papae! Era isso, talvez, o que mais acerava o odio no coração do pequenito, por ella roubar-lhe todos os carinhos do pae, todos os seus desvelos...

Antes della chegar, elle era tão outro! Com o pequenino coração ainda sangrando pela morte daquella, que elle amava tão terna e exclusivamente, no carinho do pae elle encontrava, no entanto, algum lenitivo á sua dôr... E agora, nem isso lhe restava! Aquella impertinente, aquella desconhecida odiada; que o pae se obstinava; para que elle a chamasse de "mamãe", era uma ladra, roubava-lhe tudo, o seu mundo que era o seu papae!

E, lembrando-se do dia em que ella chegára, a creança sentia duas lagrimas rolarem-lhe pela face macia, e um aperto tão grande no coração, uma dôr tão forte, que se sentia morrer... Não sabia de nada, ainda. Na tarde daquelle domingo, a nurse lhe vestira o seu terninho de velludo azul, com golinha de renda, que o punha lindo como um principezinho e arranjara-lhe com mais cuidado os cachos rebeldes da cabecinha escura... Contente, por se ver tão bello, elle saltara ao pescoço da ama e, rindo alegremente, lhe perguntára: — "E' para o papae que tu me fazes tão bonito, não é?... O' papae do coração!" A ama não lhe respondeu nada, contentara-se em abraçal-o mais ternamente, emquanto os seus olhos bondosos se humedeciam... Como o coraçãozinho lhe pulára alegre, quando a campainha retiniu, annunciando a chegada do papae, ha bastantes dias já em viagem! Descera aos pulinhos a escada, que levava ao "hall", mas como estacára de repente, surprezo, ao ver papae em companhia de uma linda desconhecida, que lhe sorria docemente! O pae tomou-o pela mão e, levando-o para junto della, dissera-lhe, carinhoso: — "E' esta, filhinho, a tua nova mamãe! Ella é muito bôa e te dará muitos brinquedos bonitos... Vamos, beija-a!" A creança recuou, estupefacta. Oh! Papae, como mudára! Nem lhe déra o beijo das bôas-vindas e obrigava-o a chamar de mãe áquella desconhecida! Os olhos ennuvearam-se-lhe de lagrimas, um odio surdo invadiu-lhe o peito contra essa intrusa, que quéria roubar o logar á mamãe, que Papae do Céo levára... Indignado, elle respondeu, erguendo a cabecita altiva: — "Nunca, nunca eu a beijarei! Mamãe morreu! A senhora é uma ladra, quer roubar o logar de mamãe! Vá-se embora daqui, que eu a odeio, eu a adeio! Ladra!..." O pae, rapido, os olhos cheios de raiva, dera-lhe uma bofetada na face! — "Insolente! Atrevido! Essa é a tua mamãe! Tu terás que reconhecel-a como tal, eu o quero, ouviste?" A creança, estupefacta, segurava com a mãozinha o rosto magoado, emquanto nos seus olhos enormes as lagrimas se paralysavam, no estupor do assombro... Oh! Quem lhe mudára assim o papae? Era a primeira vez que elle lhe batia, lhe ralhava assim! Oh! Certamente fôra essa desconhecida de olhos de gata, que agora se dirigia para elle, hypocritamente penalisada, querendo envolvel-o nos seus braços, enquanto lagrimas lhe banhavam as faces brancas... — "Não me toque! Eu detesto-a, ouviu? Ladra! Ladra do logar da minha mamãe e do carinho de papae! Ladra!... E fugira, horrorizado, para o seu quarto pequenino, a chorar, só e sentido, toda a sua immensa desdita...

Depois... Quantas vezes ficára sem sobre-meza, por não poder supportar os carinhos daquella mulher loira... E quantas vezes, ella lhe fôra levar os doces, chamando-o ternamente "Meu filhinho! Meu pobre filhinho!", emquanto os seus olhos azues se perlavam de lagrimas... E elle odiava-a, oh! odiava-a, sempre, cada vez mais!... Que vontade tinha que ella se fosse embora e nunca mais voltasse!...

Um dia, o pequenito apanhou um resfriado, que logo se transformou em febre violenta. A intrusa, cheia de carinho e afflicção, como uma verdadeira m ã e, tratou-o como se trata um filhinho bem amado. Levou noites inteiras á cabeceira do seu leito, dando-lhe o remedio á hora certa, affligindo-se quando a febre augmentava... Nem o esposo conseguira tiral-a do seu posto de enfermeira dedicada. — "Vem, descansa um pouco, minha querida. Tu te matas, assim, noites e noites sem dormir, sem comer quasi"... Ao que ella, invariavelmente, respondia: — "Deixa-me! Coitadinho, elle soffre tanto!" A's vezes, no delirio, elle sentia qualquer coisa muito bôa e fresca pousar-lhe na testa e allivial-o da dôr. Não sabia que eram as mãos brancas e finas da intrusa, ou os seus labios, prodigalizando-lhe beijos de infinito amor...

Curou-se, porém. E o seu primeiro gesto, em plena consciencia já, foi expulsal-a dali. Ella se foi, chorando docemente...

Um dia, estava elle entretido a ver um livro de figuras, quando vieram chamal-o. A intrusa estava muito doente, com a mesma febre que o tolhera. Ella apanhára a doença, tratando-o...

Foi... Afundada nas almofadas macias, a intrusa parecia tão pequenina, tão fraca, que elle teve um momento de pena... — "Querido, vem cá!", chamou-o ella, docemente. Elle adiantou-se, hesitante. A mulher loira passou um braço em torno do seu pescoço, sem que elle pensasse em fugir e falou-lhe, na sua voz cariciosa e fraca:

— Tu me deves, perdoar, pobre pequenito, o ter eu te feito soffrer tanto, embora

(*Termina no fim do numero*)

O encanto do passado

PALAVRAS DE GÉRARD D'HOUVILLE — DESENHOS DE LÉON BÉNIGNI

O ENCANTO do passado! Nada é mais forte, mais mysterioso, mais triste, mais delicado e nada enriquece tanto a nossa vida tão rapida! Sem os mortos e tudo o que elles nos legaram, tudo o que elles nos deram, como a vida, tão curta, nos pareceria ás vezes longa e como sentiriamos pezar sobre nós o seu enfado e a sua lassidão! Temos, no passado, amigos que não nos chegámos a conhecer, mas dos quaes veneramos o talento, a alma, o espirito e o coração; sonhamos com certas imagens desapparecidas e, desilludidos dos vivos, suspiramos: "Ah! como me teria amado!" Ou então: "Que pena que não o tivesse conhecido!"

E' um passa-tempo muito commum interrogarmo-nos em que época desejariamos ter vivido... E aos mediums, mais ainda do que os segredos do futuro, as creaturas não vão pedir para evocarem o passado, ressucitarem as vozes que se calaram, os rostos esquecidos? E os retratos dos antepassados diante dos quaes divagamos? E os livros, as memorias, as lembranças? E os moveis, os objectos que guarneceram remotas residencias e que, á parte a belleza e a perfeição artistica, não devem a attração que nos inspiram apenas ao encanto do passado?

Nas velhas moradas, nas casas antigas, porque nos sentimos enternecidos, envolvidos de melancolica benevolencia, acolhidos e acariciados por um não sei que de impalpavel? O encantamento... Sempre o encantamento... Diante de vestidos de outro tempo, de adornos extranhos que, nos armarios ou nos museus, immobiliza as formas outr'ora vivas, que cobriram corpos e corações, acompanharam gestos, que emoção secreta vem do fundo da nossa curiosidade! Tanto os colleccionadores, aquelles que buscam, procuram infatigavelmente as coisas lindas do tempo que passou, aquelles que compram cravos e caixas, como os escriptores que consultam cartas amarellecidas e papeis quasi apagados, a cata de detalhes sobre a vida dos que já se foram, sempre, a todos, attráe o mesmo encanto, o encanto do passado!

Quando ainda somos pequenos, não o comprehendemos e já o sentimos; gostamos de remexer nas gavetas, no salão cheio de coisas em desordem, nos armarios; respiramos juntos das parentas encarquilhadas um prazer um pouco triste e muito suave; escutamos as narrativas das amas, saboreamos os doces feitos por velhas receitas, tão velhas, que na familia ellas têm passado de geração em gera

ção, talvez, desde a época do Pequeno Pollegar e da Bella Adormecida no Bosque! Todos nós pedimos para folhear o album de photographias, onde tantos rostos ignorados nos olham com meigo espanto. Damos liberdade á imaginação, vendo as collecções de plantas dessecadas das nossas avós: corollas, folhas desbotadas, algas incrustadas com mais perfeição do que se fossem pintadas. Evocamos os verões desapparecidos, os bellos outomnos, as primaveras mortas, as alegrias que se acabaram... E daquellas plantas prisioneiras entre as folhas de um album, desprende-se um aroma subtil e mais envolvente do que o perfume das plantas vivas: encanto do passado! encanto do passado!

Encanto que valoriza tanto a nossa existencia precaria e impetuosa que é preciso cultival-o, de pae a filho, como a flor mais rara do jardim da alma e do espirito. Que a actividade, o atropelo, o esfalfamento com o trabalho intenso que nos impõem, cada vez mais, as necessidades da vida moderna, não nos impeçam de respirar a flor sombria, de apreciál-a e de experimentar o embriagamento delicioso.

E' por isso que devemos uma infinita gratidão a todos os artistas que, por suas obras diversas, obrigam os viventes apressados, divertindo-os, a deterem, sobre esse perfume tão forte, a impaciente attenção. Em Paris, de alguns annos para cá, o publico tem sido muitas vezes convidado a gosar o "encanto", sobretudo, do Segundo Imperio. *Cibondette* desdobrou as crinolinas cuja moda fóra lançada num baile, o mais bello de todos os que até então foram realizados, em casa de Madame Fanchier-Delavigne. Depois, em *Romance*, Magdelaine Soria, tão bella dentro dos velludos pretos e dos babados, continuou impondo a época cuja grandeza, não ha muito ainda, era diffamada.

Ellas eram assim

Emfim, Yvonne Printemps, com o vestido de *tafetá* branco da Paiva, o cabello em bandós, os laços de velludo vermelho, estava tão deliciosa que, si já não admirassemos o tempo dos falbalás, teriamos immediatamente nos enamorado delle.

No cinema, Raquel Meller e o film *Violetas Imperiaes*, resussitaram as augustas imagens de 1860 e nos scenarios de Compiegue, de Saint-Claud, as festas, os palacios, as reuniões, os grupos de bellas mulheres em torno da Imparatriz Eugenia, os coques de cachos, os grandes chapéos, os finos perfis, os hombros tombantes, fóra dos decotes em "baignoire" e as amplas saias franzidas, embabadadas, entufadas que o pincel de Winterhalter fixou.

Houve, na Opera, um baile que se intitulou: "Um baile em casa de Madame de Castiglione". As exposições, tambem, cada qual melhor, apresentaram Stevans e Degas.

Até as conferencias, dos *Annales* e as outras, consagraram-se ao Segundo Imperio.

Recordaram-se anecdotas. O romance tambem, a *Chartrouse du Reposoir*, por exemplo, reviveu as frivolidades e os amores de quando O. Fenillet existia e garatujava; e alguns quadros da vida provincial foram pintados por E. Henriot no *Aricie Brun*, por G. Cheran na casa de *Patrice Penier*... Penso que os francezes de hoje, vingados das desgraças de 70, arrogantes por haverem reconquistado a Alsacia e a Lorena, lançam um golpe de vista mais indulgente e se

(*Termina no fim do numero*)

FELICIDADE PERDIDA

POR CARLOS RUBENS

DESENHO DE J. CARLOS

SYLVIA LEAL desceu á porta da casa da amiga, abriu o portão e foi entrando. No jardim, deu logo com Julieta Medeiros, sentada sob a fulva florescencia de uma accacia radiosa. Beijaram-se. Trocaram phrases futeis. E Sylvia Leal, olhando bem os olhos verdes de Julieta Medeiros, teve um espanto dramatico: — Mas que é isso? Choraste hoje? Como teus olhos estão turvos! conta-me lá o que houve.

Levantaram-se automaticamente e começaram de passear pelo jardim. Sylvia a agitar um ramo de accacia, Julieta com as mãos para traz, cruzadas. Sylvia procurava advinhar o que ia na alma da outra.

— Mas porque essa tristeza, insistira Sylvia, as duas agora paradas sob o docel florido do caramanchão de madresilvas.

— Sei lá!... Sabe-se lá o porque das tristezas...

— Não. Deve haver um motivo para que tenhas chorado. Não és nenhuma choramingas. Vamos, disse fazendo um affago na face da amiga. Abre-me a tua alma.

E ali sob o céo de madresilvas trescalantes, á tarde que era azul e era ouro, Julieta abriu o coração num desabafo. Sinceramente.

— Ha coisas inexplicaveis. Ha dois dias tenho o coração sob montanhas. Numa tenaz em braza que o comprime matando-o. E a alma numa confusão negra. E' a minha vida que perdeu o rumo em que ia e se confunde como a ponta da linha de um novello no proprio novello que se embaralha. Sei lá...

— E' o effeito de alguma causa. O que eu não comprehendendo é como surgiu agora tal effeito, se a causa veio a tanto tempo.

— Explica-te.

— Sabes, como ninguem, o que fui durante dez annos para meu marido. Casámo-nos, como se diz, por amor, e viviamos relativamente bem. Sem me faltar nada. Satisfeita nos minimos caprichos. E com uma liberdade a que elle não punha restricções.

Não pairava melancolia no nosso lar. A melancolia dos lares sem filhos. Sem ambiencia. Desertos. Porque havia duas creanças alegrando a nossa alegria. Deveria eu querer mais?

— Somos insatisfeitas...

— Para nossa desgraça, Sylvia. O nosso martyrio é a satisfação dos desejos desenfreiados. Tudo deveria ter um limite. A alma deveria pôr um contrôle nos desatinos do coração. Ou existir uma força que nos precavesse contra a desorientação da sociedade que, ao envez de nos afastar de certos perigos, que a envilece, mais nos empurra para elles. Donde a confusão da sociedade que ahi está e a miseria dos lares actuaes... Julieta de Medeiros causava espanto á propria amiga. Falava com uma amargura indissimulada. A amiga notava que o verde-mar dos olhos da outra nublava-se. Commoveu-se. Nunca tinha visto, em toda a sua vida, Julieta chorar uma só vez. — Mas a tua tristeza...

— Vem do maior erro da minha vida. Erro meu? Talvez.

Sabes como ha tres annos, após aquelles mezes de loucura, abandonei meu marido e meus filhos, entregando-me toda inteira a esse Bernardo de Azevedo, disse Julieta fazendo um gesto para o palacete no fundo do jardim.

Vivemos bem ou dissimuladamente bem. Mas se as amantes cansam, os amantes entediam. E eu não o supporto mais...

— Como? Não o amas mais?

— Talvez nunca o tenha amado. Nestes tempos o amor é uma lição. O que me tortura hoje é a saudade *delle.*

— Do teu marido?

— Sim. Do meu marido. Que alma ha que se comprehenda? Ha dias que Bernardo me causa aborrecimento, tedio, repugnancia. Não posso vel-o. Seu beijo é como lama que me põe na face, nos cabellos, no corpo. Repugna-me.

— Extranho...

— Póde ser. Mas ha dias que a minha vida mudou. Tudo me enfara. Todo o conforto que me cerca augmenta o meu inferno. Tudo me causa horror. Momentos ha em que desejo gritar, destruir tudo, abrir as portas, fugir. E nesse desespero a minha vida é uma ambição unica: elle.

— Extranho...

— Só elle. Toda a amizade de Bernardo esvaneceu-se e eu tenho chorado de saudade do meu marido. Não sei bem se é saudade. Necessidade de vel-o, de falar-lhe, de sentil-o como outr'ora. De vivermos como dantes, um ao lado do outro, vendo deante de nós os filhos brincando, contentes. A felicidade que Deus nos deu e nós pomos fóra atraz do que não é felicidade...

Julieta passou a manga do casaco pelos olhos verdes nublados.

(*Termina no fim do numero*)

Carnaval em Nictheroy

Em cima: Rancho do Pé no Fundo, no banho de mar dos Rapinhas. — No meio, á esquerda, senhoritas que tomaram parte na Batalha em Homenagem ao Dr. Alvaro Neves, Chefe de Policia do Estado do Rio, organizada pelos "Filhos da Candinha" — Commissão dos "Filhos da Candinha" com o Dr. Alvaro Neves. — Em baixo: a frente do Rancho Pé no Fundo.

A MULHER ACADEMICA

Muitos são contra. Outros por medo ou covardia
Acham de pôr na idéa enthusiasmos supremos.
Que a mulher magra ou gorda, alta ou baixa, seria
Um lyrio ornamental no jardim da Academus.

Se é por ella afinal que todos nós vivemos,
Se é della que nos vem o encanto da Poesia,
Por que havemos de usar de processos extremos
E fechar-lhe o portão da douta Academia?

Ha um obstaculo só que me parece enorme:
O "habit-vert". Que fazer? Crear novo uniforme,
Ou deixal-a á paisana o templo penetrar?

Os velhos do "Trianon" quasi não dizem nada
Mas preferem por certo a mulher decotada
Que uma mulher fardada é horrivel de se olhar.

JOÃO DA AVENIDA

Senhorita Sylvia Prado, filha do deputado Armando Prado, a quem a sociedade paulista homenageou no dia 16 de Fevereiro, dia do seu anniversario natalicio.

(Photo Rossi Cerri)

Inauguração do Café Campeão, á rua da Lapa, 28, da firma Ferraz, Prista & Cia. Ltda. no dia 19 de Fevereiro. Aos convidados foi offerecida uma mesa de doces e refrigerantes, fazendo todos votos pela prosperidade do novo estabelecimento.

Os Democraticos, numa festa risonha, desfraldaram o pavilhão branco e negro para a victoria deste anno.

Domingo de manhã, em Petropolis, depois da missa na igreja da Matriz.

BRASILEIRISMO

Não sei quem foi que disse que as mulheres
da Paulicéa são as mais bonitas
deste mundo bonito de meu Deus.
Não digo que sim.
Nem digo que não.
Não sou peixe, que morre pela bocca.
De facto, (aqui pra nós) é um cruzamento e tanto
essa salada de tres raças bôas:
— italiana, turca e brasileira.
Mas, com certeza, quem tal disse, nunca viu
uma dessas bahianas bem bonitas
que puxam mais pra indio do Amazonas
do que pra indio de Piratininga.

L U C I O L A T I N O

Ella
com
elles

Carnaval na Bahia

Banho á fantasia na linda praia de Amaralina.

Em cima: "O Grupo da Fuzarca" — A' esquerda: senhorita Elha Ornellas Freire — Duas Ciganas — Aspecto da praia.

MUSICA

Bidú Sayão, a artista que todos tanto queremos e cujo nome actualmente já não nos pertence, porque é um nome universal, está, a estas horas, mais uma vez triumphando no Real Theatro de Opera, de Roma, onde os seus successos se contam pelo numero de vezes que se tem apresentado ao publico italiano.

Bidú não seduz unicamente pela belleza de sua voz, insinuante e encantadora. Ella é irresistivel pela arte com que interpreta os seus papeis, dando-lhes muito de sua graça e de sua sensibilidade. Não admira, portanto, que em Roma como aqui ou como em Buenos Aires, em S. Paulo ou em Milão, ella consiga ser a arrebatadora de platéas de que os telegrammas agora nos dão noticia. A sua arte e a sua voz prendem e arrebatam, por que ella tem, sobretudo, o dom de sentir e transmittir o que sente aos seus auditorios.

O ultimo grande triumpho por ella conquistado foi como protagonista da nova opera de Giordano, "Il Ré", recentemente levada á scena em reprise, no Real Theatro de Opera, de Roma.

Coube-lhe interpretar o papel de Rosalinda, ao qual, segundo as noticias aqui divulgadas, deu ella particular encanto. Soube ser ingenua sem esforço nem affectação, graciosa sem preoccupações e comprehendeu ás mil maravilhas a psychologia da personagem que encarnava. A sua voz encantadora, a sua graça irresistivel, a sua technica e o seu bello espirito de musicalidade, segundo a imprensa, completaram o resto. Entre os trechos que melhor impressionaram foi destacado o "racconto" de Rosalinda, narrando o seu encontro com o rei. Bidú deu a essa narrativa um tão forte cunho de verdade, que, ao terminal-a, todo o theatro vibrou numa prolongada acclamação ao seu nome.

"Il Ré" é o mais recente trabalho de Giordano. Não se póde prever se agradará como agradou "Andréa Chenier", cuja carreira ainda não foi interrompida. O libreto do qual se serviu Giordano pertence ao genero comico, aliás muito do gosto dos compositores modernos italianos. E' seu autor Forzano, que se inspirou em um episodio da vida de Luiz XIV. Como é sabido, o Rei Sol — como lhe chamavam — não queria deixar-se vencer pela idade e procurava esconder os seus effeitos com artificios que, no fim de contas, só poderiam servir para illudil-o, antes de ninguem... Quando, entretanto, o Rei famoso se via obrigado a despojar-se de todos os seus enfeites e atavios, o que ficára para regalo dos olhos alheios era simplesmente lamentavel... A decepção, antes de ser do Rei o era das proprias damas, que, seduzidas pelo seu fastigio de monarcha mais poderoso do seu tempo, "julgavam" amal-o perdidamente...

O barytono Adacto Filho que o publico de élite do Rio tanto admira vae realizar um recital no salão Santa Cecilia em Petropolis a 27 deste mez, — quinta récita de assignatura do Theatro de Brinquedo. Programma : Beethoven, Schumann, Chopin, Schubert, M. de Falla, Villa Lobos, L. Fernandez, L. Gallet.

O libreto, pois, parece ter a preoccupação de demonstrar que neste mundo a illusão é a alma da propria vida. Desfeita essa illusão, desapparece o encanto, ficando apenas a realidade, que é frequentemente amarga e dolorosa...

Se o libreto de Forzano, a julgar pelos telegrammas, parece ter conseguido agradar por completo, já o mesmo se não póde dizer da partitura, na qual Giordano não conseguiu traduzir o ambiente.

Chegou-se mesmo a accrescentar que o musico não sentiu o libreto, e, assim, como que delle apenas se serviu como pretexto para pôr em prova a sua grande experiencia de instrumentador, com preoccupações de modernismo, isto é, sacrificando o seu temperamento e o seu feitio artistico.

Além do "racconto" de Rosalinda, a que nos referimos linhas acima, muito agradaram o "sexto" do primeiro quadro, o "intermezzo" entre os dois primeiros quadros; uma "romanza" de Colombello; um côro *à bocca chiusa;* uma aria no ultimo quadro e marcha final.

Se a opera não conseguiu arrebatar o publico, em compensação, Bidú Sayão, no seu papel triumphou desde o seu apparecimento em scena.

Não param, entretanto, ahi, as victorias da já gloriosa artista brasileira. Bidú Sayão teve a honra de ser escolhida para cantar no espectaculo de gala, realizado no Real Theatro da Opera, de Roma, no dia do casamento do Principe Umberto di Savoia, com a Princeza Maria José, da Belgica.

Bidú cantou na presença da mais selecta assistencia, que jamais se reuniu em Roma e da qual faziam parte, entre outras notabilidades, cinco reis e setenta e cinco principes.

Talvez que bem poucos cantores possam gabar-se do mesmo successo!

De Elegancia

SABBADO de Carnaval! Vae passar... Mas deixará uma série de significações. E' a primeira noite de folia, a primeira noite de baile. Corso na Avenida. Dansa nos grandes hoteis, nos clubs carnavalescos, no theatros e nas tavernas. A mascara intriga a aristocrata figura que surgirá no aristocratico baile; e depois permittirá que desça aos folguedos do bas-fond", como espectador ou como figurante, nivelada, assim, sem maior constrangimento a uma sociedade que, sem a desculpa de Mômo, de modo algum frequentaria. Ha mesmo verdadeiras caravanas para as festas "prohibidas". E ha quem por ahi clame: são os que mais se salientam, os que mais se divertem, esses que entram com a mascara de seda e a ficha de "familia".

Mômo é, seguramente, o maior propagador do communismo. Tudo do mesmo geito e de egual para egual. O corso fervilha de automoveis, apesar da decantada crise, os pedestres acotovelam-se, beliscam-se, apupam-se, namoram-se como os outros que fogem da rua se espandem pelos salões.

Ricos e pobres, fantasiados com luxo ou fantasiados com simplicidade, paisanos e paisanas, todos querem bem ao Carnaval. Esperam-no com ansiedade, recebem-no com alegria...

A postos todos os foliões. Quem não preparou ainda a sua fantasia ainda hoje a fará porque ha tempo, como o haverá na segunda ou mesmo na terça, que, á meia noite se envolverá nas cinzas da quarta feira. Pelo menos, começa a quaresma. Os antigos respeitavam a passagem de periodo da alegria para o da tristeza, respeitavam a meia noite de terça feira. Ponto final em todos os folguedos. Mas agora as festas não terminam antes do sol nascer, quer elle nasça para a sequencia dos dias em que se commemora o martyrio da Divindade christã.

Chega-se á conclusão — fatalmente — de que a Alegria tudo supplanta, embora sob medida, para dias determinados, embora apparente... Mas é a Alegria que, ainda cansada, gasta de quatro dias de riso e de bebedeira, rouba algumas horas ao recolhimento e á tristeza tambem de prazo e de calendario.

Ainda vestidos de baile: crêpe pesado guarnecido de "panneaux" e franzidos; outro effeito de franzidos e recortes; setim preto, uma banda rosa vivo na blusa, fivellas de "strass", á frente, nas costas um laço em que se misturam preto e rosa ao lado, no decote; crêpe setim turqueza, genero princeza, grande laço terminando o decote; seda preta guarnecida de recortes e laço de rubi; tecido bordado a missangas envolve o corpo e se prende ao lado por uma penca de rosas; "georgette" em pregas "religieuse" e saia em forma, babados em forma, formam elegante capa e um setim "broché" enfeitado de 'renard" compõem outra não menos elegante.

VIGOR DA MODA: harmonia entre a bolsa, a luva e a "écharp

A. Fadigas continúa a ter os seus salões frequentados pela mais fina e elegante sociedade.

Tecidos de tinta inalteravel: os coloridos por *Indanthren*.

SORCIÈRE

O MERCADO EM QUE SE VENDEM OS DESPOJOS DE UMA GRANDE CIDADE

Aspecto de conjuncto do "Caledonian Market", o famoso mercado londrino.

Quanto maior a cidade, tanto maior espaço precisam os seus despojos para exhibir a penuria de seu lamentavel estado. Porque ainda que rotos, inserviveis, desgastados pelo uso e pelo tempo os mercadores do barato, delles pretendem tirar algum proveito.

Esses pitorescos mercados da ruina e do desfeito, têm em todas as partes, sua interpretação particular.

São aspectos curiosissimos de como as grandes povoações se desfazem de tudo que é velho, avariado e inutil.

O sua philosophia é encantadoramente simples. Nada deve ser considerado sufficientemente velho, nem deve parecer completamente avariado nem tão inutil que, recomposto, não possa sobreviver á sua propria ruina, applicado a qualquer uso.

Na capital ingleza, o "Caledonian Market" é, precisamente, esse mercado do absurdo e do velho, do desfeito e do inservivel, amontoado em grande numero de barracas estendidas ao largo de pavimentos que se multiplicam até o infinito. A differença essencial com os do resto do mundo, é que o trafico não é diario, e muito menos que os domingos sejam os dias de maior intensidade nos negocios. Na Inglaterra, a festa do descanso semanal é tão rigorosamente respeitada, que se póde affirmar que esse dia a vida soffre uma verdadeira interrupção. Por isso, para presenciar o "Caledonian Market" em todo o seu apogeu, é preciso acudir ás terças ou quintas.

Nesses dias a affluencia de publico é enorme e os negocios extraordinarios. Nada, por estranho e ruim que pareça, falta nessa famosa feira: desde a cadeira sem pernas até a janella sem fundo, passando pela bicycletta desmantelada e primitiva, digna de figurar em um Museu historico e uma série infindavel de bugigangas.

Mas é precisamente esse o encanto do "Caledonian": o absurdo, o extraordinario, o inqualificavel, quasi.

Se se vae dar credito aos belchiores, todas essas mercancias são outras tantas peças de custoso valor que as gentes desdenham porque ignoram sua propria conveniencia.

O principal está em lhes pedir o preço, por que neste "detalhe" os camellots do mercado londrino são irmãos legitimos de seus congeneres de todos os "Caledonians", que ás margens das urbs do universo amontôam esses desperdicios, que cuidam como verdadeiros thesouros.

Carta pra Deus

Deus.

Si Você existe,
si Você é bom e omnipotente como dizem,
si Você, num instante fez essa porção de cousas bonitas que a gente não se cansa de olhar,
Você vae me fazer um favorzinho.

Por que seria que Você botou em mim,
Deus, eu tão pequeno, tão nada,
uma alma grande assim, muito maior do que eu,
maior que o mundo grande que Você fez ?

Por que ?

Eu não queria uma alma tão grande assim não.
Nem tão complicada.
Vamos, Deus, Você é bom, procura ahi na sua officina,
uma alma mais simples e menor...
muito menor...

— Ou então, si Você que póde tudo,
não puder ou não quizer
fazer isso que estou pedindo com tanta vontade,
faz uma outra alma igual á minha
(Você deve ter ficado com a fôrma,
quando me mandou esta)
e colloque-a num corpo muito lindo de mulher...

Muito obrigado. Amen.

P. S. — Não se esqueça de lhe dar meu endereço, hein...
A estrada de rodagem Rio - Petropolis.

NEWTON BRAGA

■ ■ ■

UMA ARVORE...

Ao Alvaro Moreyra

Evocando o silencio da saudade,
Dormes dentro da sombra...

A sombra é uma saudade do teu sonho.
A resonancia da tua propria vida...

E uma folha que cahe, como um olhar tristonho,
E' uma oração perdida...

Toda a tarde que vem desmancha a tua sombra,
Num gesto de ansiedade...

—Adormeci meu sonho na tua sombra,
E ficámos chorando de saudade...

GUY DE VILLALVA

Em Caxambú — O deputado Baptista Luzardo e outros veranistas no Parque das Aguas — (Photo A. João)

Nocturno...

— Como é bonita a vida!...

Veja como a noite está linda neste adormecer parado de quem espera alguem que nunca vêm...

Veja como o céo se "coloriu" de estrellas.

Vão cahir sobre as nossas cabeças numa avalanche doida...

Seu rosto parece aquella estrellinha que sumiu.

Esta da côr, daquella côr que ninguem viu...

———

Como você está bonita esta noite!...

Mais bonita que a noite...

As estrellas dos seus olhos parece que vão cahir numa avalanche doida.

Seu cabello parece uma flammula negra, oscillando medrosa num horizonte de neve.

Sua bocca...

Ah! Você deixa que eu sinta a sua bocca em minha bocca?

Quero morrer beijando os seus labios vermelhos!

Sentindo o seu sangue no meu sangue...

...a sua bocca em minha bocca...

Deixe que eu lhe beije!...

———

...e a noite continuava lá fóra arremessando estrellas pelo céo.

São Paulo, 26—1—930.

FRANCISCO LUIZ A. SALLES

Uma historia que começou no carnaval...

(FIM)

ta. E que Carlito disse que era de uma tia delle que não voltava de Santos nem a pão...

No anno seguinte. Quando Christo nasceu outra vez. Carlito estava no seu quarto. Eram 4 horas da tarde.

Calçava botinas de peito de panno. Calça listada. Frack.

Uma hora depois botava a alliança pesada no dedinho delicado e bonito da sua querida Luizinha.

A's 7 horas, atrazado, chegou Oswaldo.

Foi censurado.

— Quasi que você nem alcança mais os noivos!

Approximou-se de Carlito. Felicitou Luizinha. Depois, pelo canto da bocca.

— Tudo bem!

— E Julietinha?

— E' um menino. Gordo. Parecido com você!

O Hotel. Em Guarujá. Não viu Carlito e nem Luizinha. Para jantar ou almoçar.

Mas a praia. O mar. As noites de lua. Viram.

Uma pedra grande de uma furna chegou a decorar esta phrase.

"Luizinha. A felicidade de ser teu maridinho enche-me os olhos de lagrimas... Carlito."

No fundo da sua cama de solteira. Julieta dizia para tia Anna. A unica que a recebera em casa. Dizia e olhava para o Carlitinho...

— Tia Anna... Que bom! O Oswaldo disse-me que elle se casará commigo logo que volte da sua viagem de negocios a Santos...

A solteirona lembrou a mocidade e ficou com os olhos rasos dagua...

Mais um anno.

Diante de uma porta. Carlito, angustiado, não ouve as palavras consoladoras de sua mamãe.

Passeia nervoso e agitado.

Anda. Sem parar. De lá para cá. De cá para lá.

Depois pára. Depois anda. Depois pára e escuta...

Nada! Só gemidos.

Torna a passear. Torna a parar. Torna a escutar.

Duas horas depois a porta se abriu. Carlito precipitou-se.

Uma menina! E, soluçando convulsivamente. Elle cahiu aos pés do leito.

Dos seus olhos cahiam lagrimas. Era o sangue que os espinhos arrancaram do seu coração...

Na sua garganta só ficára aquelle grande e amargo soluço engasgado...

Depois beijou Luizinha. Pallida e anniquilada.

— Pobrezinha... Como soffreste! Meu amor... Bemzinho... Não tens raiva de mim?...

Luizinha beijou-lhe as pontas dos dedos.

Elle ficou maluco com aquella bondade cariciosa...

Alizou-lhe a fronte. Limpou-lhe uns restos de suor. Depois, na corolla des-

maiada dos labios de Luizinha, colheu a flor do seu mais gostoso beijo e do seu mais bonito sorriso.

Levantou-se e foi ver Luizinha n. 2.

Oswaldo chegou ás 3 da tarde.

— Parabens! Que pequenão!

Depois, no escriptorio, sentou-se ao lado de Carlito.

— Fechei o escriptorio mais cedo. Não havia nada!

Carlito approvou. Depois, com medo, perguntou:

— Foste lá?

— Vim de lá!

Olharam-se. Oswaldo estava sério e triste.

— Aqui está o dinheiro.

— Por que?

— Ella disse que vae voltar para o trabalho.

— E o pequeno?

Houve uma pausa.

— Carl'to morreu... Hoje pela manhã.

Carlito arregalou os olhos. Depois enfiou a cabeça entre as mãos.

— E Julieta disse que foi de máos tratos e fome...

Carl'to ergueu-se.

— Se eu adivinhasse antes aonde ella estava...

Depois ouviu o grito de Luiz'nha n. 2. Gritinho e choro. Deu uns passos insensiveis. Deixou Oswaldo no escriptorio.

Sentou-se ao lado do leito. Luizinha não tirava os olhos da pequenina. Depois voltou a cabeça para Carlito.

— Meu bem, você não preferia que seu primeiro filho fosse homem?

OCTAVIO MENDES.

No Instituto de Musica

F. L. G.

Violinista...

Será mesmo violinista? Ninguem mais do que a F. tinha a pretenção de o ser. Aliás, ella não era bem a culpada disso. Eram as collegas, as amigas, que sempre lhe augmentavam cada vez mais a vaidade:

— Fulana? — diziam — é uma grande violinista! Uma grande artista.

Essa fama correu este mundo e o outro. Ella tocava em toda parte, isto é, no radio, nos exercicios praticos e em casa. Os applausos eram fataes. Mas...quando chegou a hora do concurso a premio, para conquistar a medalha de ouro, "cadê a F.?" Quem disse que ella appareceu? Medo? Consciencia? Nervoso? Quem sabe lá? O facto é que essa "fuga" do concurso tem sido commentada de todas as maneiras. E, como a lingua humana, principalmente a feminina, é irreverente e cruel; esses commentarios são sempre desfavoraveis.

A E. B. de M., que tambem é violinista e que não fugiu do concurso, costuma contar que a "fuga" da collega F. não lhe surprehendeu. E ella conta por que:

— Uma vez — diz a E. — eu estava numa reunião onde tambem se achava a F. Pediram-lhe que tocasse. Ella tocou. Depois, em ar de brincadeira, ella disse que ia imitar o professor E. R. E imitou. Depois "imitou" a professora P. d'A. Depois imitou não sei quem mais. Finalmente, perguntou: Quem querem que eu imite agora? Um garoto que tambem estava na festa pediu: — "Imite" uma pessoa que saiba tocar violino!...

Nunca se viu uma perfidia tão grande! A quem se teria querido referir o garoto? A' F.? Ao professor R.? A' professora P. d'A.?

Eis ahi por que para a minha collega E. B. de M., a fuga da F. não foi surpresa.

EXTRACÇÃO COMPLETA DOS PELLOS

Como desfazer-se duma maneira definitiva dos pellos, eis aquillo que muitas damas desejam conhecer. E' uma verdadeira lastima que até ao presente não se tenha difundido de um modo mais geral o conhecimento de uma substancia que provoca o aniquilamento dos pellos. Esta substancia é o porlac puro pulverisado, que se encontra á venda em todas as pharmacias. O porlac se applica directamente ás partes do corpo onde crescem os pellos superfluos cuja desapparição se deseja. Este tratamento recommenda muito especialmente porque além de eliminar os pellos sem deixar rastro algum, faz que não voltem a apparecer visto que o porlac provoca a completa destruição das raizes dos pellos.

O encanto do passado

(FIM)

permittem um retorno de gosto por esse periodo da historia, desenrolando, sem rancor, o film refulgente e movimentado, cujo desastre final foi uma especie de prologo tragico e glorioso da victoria dos nossos dias.

O encanto do passado! Apreciemos os attractivos e as brutalidades da historia. Nunca se escreveram tantos livros sobre as creaturas illustres de outróra; nunca foram tão amados os velhos moveis, as joias, os "bibelots", as tapessarias, os tecidos sem preço, os castellos...

...O automovel facilita as visitas e o descobrimento de todas as maravilhas do passado, tão farto de bellezas ignoradas por muitos; o cnemai nos mostra as paizagens: ainda ha tempos admiramos uma das primeiras e das mais bellas lições da historia da França que já tiveram a lembrança de filmar. Carcassone, intacta e esplendida, serviu de scenario, emprestou as suas muralhas douradas pelos seculos. Outros films virão e farão passar diante dos olhos das crianças e dos adultos deslumbrados, a historia viva, animada, o romance magnifico da França, rica de heróes e de aventuras guerreiras. Nelles, ainda encontraremos o encanto, o encanto poderoso, insinuante, commovente e um pouco magico, que corresponde ao senso profundo da continuidade que trazem, nos corações, os sêres ephemeros; o encanto que liga os vivos aos mortos, que urde esse passado que depressa se torna presente, para o futuro que o espera, o observa e, por sua vez, o prolonga, e se junta e se mistura, o encanto que é a propria vida: o encanto do passado.

GÉRARD D'HOUVILLE

A INTRUSA

(FIM)

sem o querer... Eu te amo tanto, filhinho, eu tenho tanta pena de ti! Escuta, meu amor:—Eu não me casei com o teu pae por maldade, para fazer-te soffrer com o logar que te usurpava. Eu me casei com elle por necessidade. Ouve, tu és pequenino, mas me comprehenderás: Eu era viuva, sabes? Ha muito, Deus levára aquelle que eu amava. Deixou-me, porém, um anjo louro e lindo como tu. Eu era pobre. Minha filhinha soffria, com a miseria. O teu pae appareceu-me, então, e quiz casar commigo. Por amor de minha filhinha, para dar-lhe conforto e uma vida melhor, eu accedi. Quando vim, a minha filha ficou com uma tia, que della cuidava, mandando-lhe eu o dinheiro sufficiente. Um mez depois de casada, porém, a minha filhinha morreu. Oh! não valera de nada o meu sacrificio! Doida de dôr, eu me puz então a amar-te loucamente, dando-te toda a ternura que era da minha filhinha... Mas tu me odiavas, soffrias com a minha presença... Eu, que vou morrer, pobre querido. Mais não quero ir-me, sem que me tenhas perdoado...

Um grito agudo da creança interrompeu-a. Dois bracinhos rodearam-lhe o pescoço.

— Não, tu não morrerás! Perdôa-me, eu te amo!

E a boquinha da creança roçou a face pallida da doente. Ella sorriu de felicidade e seus olhos se animaram de nova vida.

— Oh! meu amor! Eu não hei de morrer, Deus é bom! Agora que encontrei um lindo e caro filhinho!

— Sim, eu sou o teu filhinho! Eu não quero que morras! Tu viverás para o teu filhinho!

E, muito baixinho, como se commettesse um sacrilegio, a creança murmurou:

— Mamãe!

LOLA KNEI.

Clinica Medica de "Para todos..."

SANEAMENTO DO BRASIL

Com a ultima reforma que os serviços de Saude Publica tiveram, entre nós, vicejaram muitas esperanças de ver o Brasil, abandonando para sempre, os methodos antiquados, palmilhar resolutamente a unica trajectoria que se impõe aos legitimos interesses da nacionalidade: — o saneamento de seu vasto territorio.

Conseguirão os homens que dirigem o nosso Departamento de Salubridade os fitos bemfazejos alviçareiramente collimados ?

Ainda é cedo para uma resposta concludente. A reforma a que alludimos não conta muitos annos de operosa effectividade e não póde, tão depressa, dar fructos sazonados, encontrando a cada passo enormes obstaculos antepostos pela rotina, bem como pela inercia dos tempos antecedentes.

Tememos, entretanto, que a organização da Saude Publica, a exemplo de todas as nossas instituições pouco a pouco se transforme em apparelhamento burocratico, — amplo excesso de papeis e de formulas de secretaria, em vez de desenvolver sua efficaz actividade, numa esphera de acção exclusivamente pratica, sem receios e hesitações que tanto prejudicam os grandes emprehendimentos.

Sabemos que a hygiene, depois de atravessar os estadios religioso, medico e prophylactico, percorre actualmente o cyclo economico, — base de toda a organização social moderna.

A vida humana, representando um valor monetario, é, por assim dizer, um capital productivo.

Cada individuo que adoece prejudica a fortuna publica, pois que o Estado não poderia contar com elle, na somma das parcellas de seus recursos pecuniarios.

Cada individuo que morre é um tanto de capital perdido pelo Estado, e uma grande epidemia origina sempre uma sensivel baixa nos recursos economicos de qualquer uma nação.

A extensão territorial do Brasil necessita de um gigantesco plano de saneamento. Mais do que nas grandes cidades do littoral, as localidades do interior carecem de urgentes e minuciosos cuidados, para que não se disseminem, entre os seus habitantes, as terriveis calamidades das zonas ruraes, — o impaludismo, o bocio e as verminóses, além de uma infinidade de males menos graves.

Nas cidades fartamente populosas como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e São Salvador, a prophylaxia da tuberculose e das doenças venereas constitue um problema de inadiavel solução, porquanto as condições especialissimas dessas consideraveis agglomerações humanas favorecem o contagio de taes enfermidades que ceifam impiedosamente milhares de existencias.

Dar combate sem treguas a todos os elementos nocivos á collectividade, sob o ponto de vista hygienico-social, eis a norma de conducta a adoptar pelo Brasil, realizando uma providente politica sanitaria que outra cousa não é sinão um interessante aspecto da politica economica.

CONSULTORIO

NILDA (São Paulo) — Dê á creança: phosphato de bismutho 1 gramma, benzo-naphtol 4 grammas, gomma arabica em pó, quantidade sufficiente para conservar em suspensão o benzo-naphtol, magnesia fluida 1 vidro — uma colher (das de sobremesa) de 3 em 3 horas. A senhorinha deve usar, em loções diarias, friccionando o couro cabelludo: resorcina 3 grammas, coaltar saponificado 3 grammas, acido salicylico 4 grammas, tintura de capsicum 4 grammas, tintura de cantharidas 6 grammas, tintura de balsamo do Perú 10 grammas, hydrolato de quina 320 grammas, essencia de bergamota, quantidade sufficiente para aromatizar.

S. A. D. (Jardinopolis) — Use, pela manhã e á noite, dois comprimidos ovaricos. Depois de cada refeição principal, tome: arseniato de sodio 5 centigrammas, pyro-phosphato de ferro citro ammoniacal 4 grammas, extracto fluido de quina 10 grammas, elixir de Garus 20 grammas, vinho de Malaga 320 grammas — um pequeno calice. Externamente empregue em massagens na região alludida: precipitado branco 1 gramma, oxydo de zinco 5 grammas, lanolina benjoinada 15 grammas, glycerina borica 15 grammas.

MANO (Itaraty) — Internamente a creança deve usar "Xarope de Rabano Iodado de Grimault" — uma colher (das de sobremesa) depois de cada refeição principal. Externamente, deve empregar: turbitho mineral 1 gramma, enxofre precipitado e lavado 1 gramma, laudano de Sydenham 1 gramma, lanolina benjoinada 15 grammas — em uncções diarias, sobre as dermatóses.

MALBA (Pouso Alegre) — Foi um grande erro deixar de corrigir, durante tanto tempo, o excesso alludido. Agora esteja attenta e, decorridos tres dias, empregue: extracto fluido de gossypium herbaceum 3 grammas, extracto fluido de hydrastis canadensis 3 grammas, extracto fluido de hamamelis virginica 3 grammas, xarope de ratanhia 30 grammas, limonada sulfurica 300 grammas — meio calice de 3 em 3 horas. Cessada a crise, empregue, como elemento compensador do despendio que soffreu, o "Hemo-Cyto-Corbiére" — tres injecções intra-musculares por semana.

E. R. N. (Ouro Fino) — Basta usar: tintura de sementes de colchico 4 grammas, tintura de cabeça de negro 5 grammas, salicylato de sodio 5 grammas, iodureto de lithio 6 grammas, extracto fluido de stygmas de milho 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas — 3 colheres (das de sopa) por dia. Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares com o "Arshydrargor".

DR. DURVAL DE BRITO

Os meninos que lêm "O Tico-Tico" aprendem a ser homens de bem.

Para todos... em Santos

Na hora do Baptismo da Barraca do Praia Club, em Santos. Sendo padrinhos o Sr. Alberto Bacart e Senhora.

Inauguração do Praia Club, em Santos, do qual é Presidente a Sra. Zelle Lara.

Felicidade perdida

(FIM)

A amiga olhava os pendulos doirados das accacias.

— Não avalias como tenho penado. Tudo agora é meu marido e meus filhos. Revivescencia do passado. Desejo de tornar á vida que viviamos, talvez pacata de mais, sem fausto, mas honesta e consoladora. Repugna tanto Bernardo quanto desejo o outro, o que é meu marido e de cuja separação só ha um culpado: eu. Quem sabe se isso não é castigo ou o que chamam remorso ?

— E o que pretendes fazer, minha querida ?

— Sei lá. Vida que se desnorteia difficilmente se endireita. E' como o páo que nasce torto...

Longe, o crepusculo amaciava, em frente, o contorno violaceo dos morros. Pallideciam as purpuras do poente.

Levantaram-se abraçadas e foram andando. Um automovel parou á porta e o amante de Julieta entrou.

Vendo-a com a amiga foi cumprimental-as. Beijou a mão de Sylvia, disse-lhe duas palavras amaveis e abraçou Julieta, beijando-lhe a face. Retirou-se.

As duas amigas despediram-se no portão.

— Adeus, Julieta.

— Adeus, Sylvia.

CARLOS RUBENS

■

Uma hora na Convenção

(FIM)

ro sobre uma ardozia que lhes mostram de longe. Cada um retoma seu logar. O silencio da espera estabelece-se. O alto plante ecôa as indicações. As mulheres de feira, avisadas de que devem entrar em scena, e que sómente para ellas se occupará um apparelho, compõem as physionomias ferozes.

Attenção ! Tudo prompto. Luz ! Deante dum gigantesco tablado em marmore, um electricista volteia, tocando um cabo ferreo, como clown mus'co num xylophone gigante. Os plafouniers illuminam-se. Os projectores manhosos, rangem e, domados, entregam-se aos seus papeis de Sol. Saint-Just retoma seu logar na tribuna. O tumulto recomeça, o presidente bate a campainha. A gente pensa que está na Camara. A scena é bem real, tão profundamente vivida, tão pouco theatral que todos se evadem do presente e transportam-se ao passado seculo. E' preciso ver a face dos ouvintes emquanto os oradores falam. Vivem realmente as horas tragicas. E' de tal modo verdadeira a maneira como trabalham que na "La chute des Girondins" quatro "Montaguards" ficaram feridos no chão e foram removidos em padiolas.

No theatro, a attenção do artista está no publico, no studio, deve estar no trabalho.

Vozes longinquas vociferam:

— Morte a Robespièrre !

Motores de avião roncam. Paramos no cáes, á beira do Sena, lividos, desorientados.

Passa um tramway !

E' verdade, estamos ainda em pleno seculo XX.

PARA TODOS... NA BAHIA

O Dr. Hildebrando Góes, tendo á direita o Dr. Vital Santos Souza, chefe da Fiscalização do Porto da Bahia, e cercado dos funccionarios da Fiscalização, que lhe promoveram uma expressiva manifestação de apreço, pela sua actuação brilhante na Inspectoria de Portos, Rios e Canaes.

Officinas Graphicas d'"O MALHO"